

Parte das atividades diárias desempenhadas pelos homens, mulheres e crianças da aldeia, como o processamento e a preparação dos alimentos, a lavagem de roupas e a criação de animais domésticos para alimentação e de estimação (como galinhas, pombos e patos, cães e gatos), a confecção de artesanato, atividades rituais etc. são realizadas próximas das casas, devido igualmente à restrição espacial em que vivem. Contudo, faz parte da rotina diária caminhadas que os levam ao acesso de rios, capões de mata etc., o que complementa o restante de suas atividades produtivas, simbólicas e/ou rituais e de lazer diárias. Da mesma forma, os recursos naturais que conseguem acessar são obtidos através de longas caminhadas. Esta circulação pelas estradas dentro da área envolve certo risco, por isso também é realizada com restrições.

As áreas de uso dispersam-se pelo entorno do acampamento de acordo com as relações políticas com a vizinhança e a memória dos pontos rituais, que assumem grande importância histórica para o grupo.

Os Guarani têm tentado condicionar o espaço de uso às áreas onde isso não ocasionará conflitos, como as beiras da RS 135 e da linha de trem, alguns capões de mata, áreas vizinhas utilizadas com permissão dos atuais ocupantes, matas, arroio e trecho para plantio na TI Ventarra etc. Utilizam dois rios do entorno de suas habitações atuais. Pescam no Rio Pikyri, indicado no Croqui da Terra Indígena (a seguir) com o número 11. A oeste deste rio fica a região onde coletam frutos, mel e caçam, em capões de mata restantes, nos pontos 14, 15 e 16 do Croqui. Possuem conhecimento pleno as áreas com importância ambiental e ritual da TI, apesar de não terem acesso livre a todas elas. Têm especial apreço por uma área ao sul da aldeia provisória, onde há uma nascente em boas condições de conservação e um fragmento de mata, onde acontecem atividades rituais de cura e fortalecimento xamânico (indicado pelo ponto 13).

Abaixo temos a representação gráfica da TI e a localização do acampamento ou aldeia atual. O Croqui Guarani, abaixo apresentado, foi uma elaboração coletiva, que reuniu os moradores da antiga aldeia, as lideranças atuais, os jovens e as crianças, todos num esforço de compor o que a TI representa para eles e como elas a vêem. A versão final do desenho, aqui registrada, foi feita por Luciana Martins, Joel Kuaray Pereira e Siberiano Moreira. Nele estão indicados alguns antigos locais de moradia e/ou ocupação pregressas, e os locais onde será posto em prática projeto de recuperação ambiental. Vemos indicadas também a antiga, a atual e a futura aldeia. Observe-se que o Croqui segue a orientação geográfica Guarani, com o Leste no ponto superior da imagem.

J

Croqui Guarani

Proc. nº 1150/07
Fls. 1402
Rubrica

L
N S
O



Os números e marcações em rosa destacam os seguintes pontos:

- 1 Acampamento ou aldeia Ka'aty atual
 - 2 Opy'rã e Tekoa'rã - Futura casa de rezas (opy'rã) e Aldeia futura (tekoa'rã)
 - 3 Yvykuá ymã – Antigo cemitério.
- O local marcado com o retângulo rosa é a antiga habitação do casal está do antigo cacique Karai Natalício e sua esposa Licanda, referida no item B da Primeira Parte do Relatório.

[Handwritten signature]

1150/67
1403

4 *Yy porã* (água boa) – Rio de importância ritual e histórica.

Próxima a este rio, antiga casa de João Maria, também indicada por um retângulo rosa.

5 *Ju'iy* – Banhado que aparece na foto de capa do Relatório. Local de nascente de rio que abastecia antigas habitações. Nele, atualmente, os Guarani identificam animais de caça, como o ratão do banhado.

6 *Yakã ojauaty* – Rio para banhar.

7 *Yakã ry apy* - Nascente e curso médio do Rio *Yakã ry apy* relacionado com a antiga aldeia.

8 *Karumbey* – Banhado das tartarugas. Futura área de roça, onde serão plantados os cultivares de importância social e cosmológica fundamentais, como o milho e a mandioca.

9 *Pindoty* – Palmeiral. O *pindó*, ou jerivá, é árvore grande de importância econômica e cosmológica para os Guarani. Suas folhas são matéria-prima para a cobertura dos telhados das casas tradicionais. Seu fruto, o *vapintá*, é muito apreciado, consumido *in natura* ou processado num pilão, transformado num suco espesso, comido puro ou acompanhado de mel e palmito. De seu caule extrai-se o palmito e cria-se o *itchó*, larva com propriedades medicinais.

10 *Ypa'piru* e *Ka'aguy* - Área de nascente de Rio *Ypá piru*. *Ka'aguy*.

Mata ciliar a ser replantada pelos Guarani, com “madeiras” consideradas propícias para reter umidade e garantir boa água, segundo conhecimento tradicional Guarani, como bracatinga, timbó, cedro, angico, etc.

11 *Piky ry* – Rio de pesca.

12 *Ypamiri* – Banhado próximo à antiga casa de Quirina Natalício (indicada com retângulo rosa e mata a ser plantada para regenerar o ambiente, atualmente degradado).

13 *Yakã ete'i* - Área de replantio de árvores nativas para a recuperação da nascente do Arroio Castilhos.

14 *Nhundy'ay* – Área de recuperação da mata de pinhais, que propicia caça de aves silvestres. Nota-se no desenho a composição de diferentes tipos de árvores.

15 *Kuriy ty* - Reflorestamento de araucária que produz fruto muito apreciado pelos Guarani, utilizado para vários fins culinários. Os frutos também garantem o aparecimento de animais com importância prática e/ou simbólica como o *nhundivay*, tatus, macacos, onças, etc.

16 *Yakã Mborepi* – “Banhado da anta”. Banhado povoado por antas, caça muito apreciada. Próximo a onde morava a família Barbosa, indicada com um retângulo rosa.

A observação da ilustração e da legenda dos pontos nela indicados revela vários pontos de importância fundamental para a compreensão histórica e espacial da ocupação desta área representada, a Terra Indígena Mato Preto. Mostra a antiga casa de rezas *opy*, o antigo cemitério *Yvy Kuá ymã* (onde estão sepultados vários antepassados do grupo, alguns de importância histórico-cosmológica para o grupo, como o “velho” Karai Natalicio e sua esposa Licanda, sogros de João Maria Mariano). Indica também a nascente do arroio que abastecia a antiga aldeia, o banhado “das antas”, na qual se obtinha essa caça muito apreciada (como referido nas narrativas do item B da primeira parte) e vários outros pontos relacionados à aldeia antiga.

A aldeia atual está representada pelo ícone das casas próximas à linha de trem, indicada como acampamento.

A aldeia futura, indicada como *Tekoá rã*, é representada por casas disposta de forma circular em torno de uma casa de reza e circundada por roças. Vários pontos indicados referem-se ao futuro da Terra Indígena, em momento posterior às ações de reflorestamento de pontos importantes para a reprodução física e cultural do grupo. O projeto de ocupação prevê o estabelecimento da futura aldeia próxima a uma área de mata, onde a comunidade indígena iniciará o reflorestamento da TI. A escolha daquele local deu-se segundo a indicação do velho João Maria, que identificou o local como fundamental para a recuperação das águas do entorno. Foi considerada também a existência de um “capão” de mato, indício de que o local lhes garantirá a sustentabilidade mínima, com água e recursos naturais considerados básicos. A partir daí, eles iniciarão o processo de reflorestamento e replante de espécimes vegetais e faunísticas.

Completados seis anos de acampamento neste local, as famílias Guarani empenham-se diuturnamente para melhorar suas condições de vida. A obtenção de água de boa qualidade é um dos pontos de maior atenção por parte da população Guarani. Até alguns meses antes da chegada do GT, em agosto de 2004, a água era insuficiente e imprópria para consumo, e três crianças foram acometidas por hepatite B, (foram atendidas no Posto de saúde da TI Ventarra, por concessão da liderança Kaingang, o que nem sempre se faz possível). Ações conjuntas da FUNASA e outras instituições implantaram um sistema de captação de água num dos rios da TI Ventarra, o que contornou provisoriamente o problema da obtenção de água.

Estas condições severamente adversas vitimaram, no inverno de 2009, a liderança espiritual do grupo, Ernesto Kuaray Pereira. Ernesto faleceu vítima de pneumonia.

[Assinatura]

A ausência de áreas para o estabelecimento das roças é o segundo problema emergencial. As famílias têm buscado soluções paliativas, como a utilização de trechos das encostas da estrada, de uma área cedida por um vizinho não indígena que autorizou as famílias a plantarem milho e feijão, de uma roça cedida pelo cacique Kaingang da TI Ventarra, por exemplo. Contudo, esta produção é insuficiente para garantir a subsistência das famílias, que é complementada pela prestação de serviços para particulares e venda de artesanato, que rendem o dinheiro utilizado na compra de víveres no comércio.

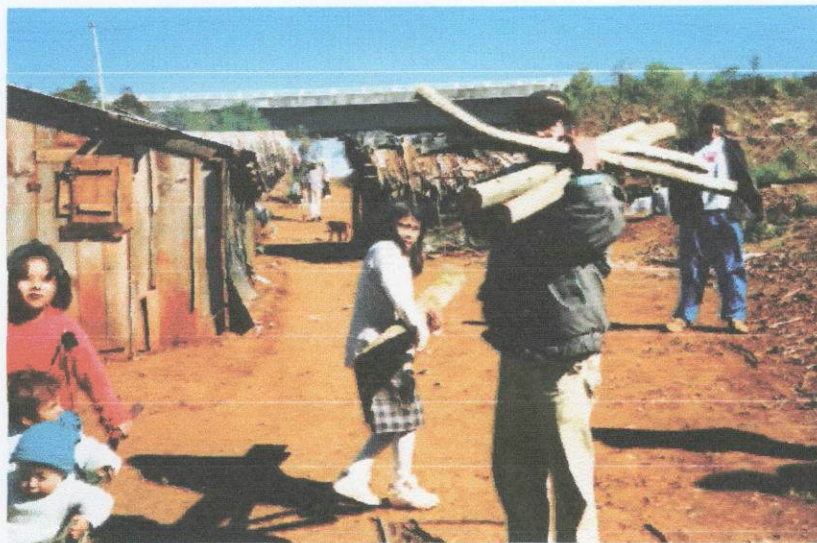
A obtenção de água de qualidade e a possibilidade do estabelecimento de roças é o projeto inicial de ocupação da TI elaborado pelas famílias Guarani. Quando tiverem acesso à ocupação e uso plenos da TI, estabelecerão a aldeia próxima a um rio que possui nascente intacta e têm mapeadas as áreas propícia para o estabelecimentos das roças de milho, feijão, mandioca, entre outros.

Vejamos algumas fotos com cenas cotidianas da aldeia, tiradas entre agosto e setembro de 2004, e a última, em 2006, durante os trabalhos de campo do GTs:

J



Vista da casa de Terezinha e Osmar.



Darci e sua filha carregam lenha.

[Handwritten signature]



Local de lavagem de roupas: Olinda, Marta e crianças



Rose estende roupas ao lado da linha de trem. Ao fundo ponte da RS 135

↓



Proc. nº 1150/07
Fls. 1408
Rubrica

Crianças brincando



Menina mostra milho colhido (foto do GT de 2006).
Ao fundo, detalhe da parede de bambu trançado referida acima.

✍

1150/07
1409
e

b) Explicação dos critérios do grupo para localização, construção e permanência da aldeia, área por ela ocupada e o tempo em que se encontra na atual localização

Os critérios do grupo para a atual localização, construção e permanência da aldeia nesta área, como vem sendo apresentados no decorrer do texto, são decorrentes de um processo de expulsão de famílias que compunham a aldeia Guarani *Tekoá Ka'aty* e a concomitante ocupação não indígena, promovida por uma ação ilegal do governo do Estado do RS.

As razões preponderantes para esta localização e para a determinação da comunidade indígena de estabelecer-se nesta área até a finalização do processo administrativo de demarcação da Terra Indígena são, de um lado, as restrições ao uso da terra, devido à ocupação não indígena que condicionam a habitação e uso indígena atual, restrita a áreas de domínio público e de cessão por terceiros; e por outro lado, a razão de construção e permanência nesta área foi um recurso extremo assumido pela comunidade Guarani em questão, para fazer valer seus direitos sobre as terras das quais foram expulsos seus antepassados, lançando seus descendentes à desterritorialização ao risco de extinção física e cultural.

A localização da aldeia nesta faixa de terra de domínio público (margens de rodovia e ferrovia) foi a estratégia que propiciou a retomada, evitando invadir áreas tituladas ou ocupadas por não indígenas. Durante anos de amadurecimento do projeto de retomada, os mais velhos indicaram locais estratégicos de revitalização da aldeia, considerando a intensa degradação ambiental causada pela ocupação não indígena. Tomada a decisão definitiva de retomada, estabeleceram-se nesta localidade, de onde pretendem sair apenas quando houver outra área dentro da TI que possam ocupar sem conflitos.

A segurança dos Guarani não está garantida, apesar das estratégias de evitamento de conflitos com os vizinhos (sejam os não indígenas, sejam os Kaingang) que as pessoas da aldeia assumiram desde sua chegada. Silenciosos, discretos e cordiais em suas incursões às cidades vizinhas e nas caminhadas pela estrada, os Guarani diferem dos Kaingang, que são em geral, arrojados e desinibidos em suas interlocuções com a vizinhança não indígena. Mesmo estando numa região distante dos centros habitacionais não indígenas, ocupando faixa de domínio público, área de propriedade de Estado, apresentado postura diplomática com os vizinhos, prestando esclarecimentos

JK

públicos sobre pretenderem conduzir o processo de retomada dentro da legalidade, os Guarani vêm sendo violentamente hostilizados por alguns membros das comunidades não indígenas, em ações criminosas. Nestes seis anos em que os Guarani aguardam o andamento do processo administrativo de regularização fundiária acampados neste local, o grupo já sofreu atentados, ameaças, hostilidades e agressões por parte dos não indígenas. Nos arquivos dos processos encontram-se documentos denúncias da comunidade, algumas delas requerendo a ação da Polícia Federal. As denúncias vão desde disparos com arma de fogo contra as casas do acampamento à apedrejamentos e tentativas de incendiar casas⁸.

Como apresentado acima, apesar das contingências desfavoráveis à ocupação da área, os Guarani mantêm-se convictos no propósito de reconstruir seu pertencimento ao local. As alianças, sempre instáveis, com os Kaingang e alguns poucos agricultores da vizinhança, parca assistência da FUNAI e FUNASA, que prestam colaborações ao grupo, e apoio eventual de instituições religiosas, como CIMI e COMIN, que fazem doações de alimentos, insumos etc. vêm garantindo condições mínimas de subsistência nesta área. Apesar das dificuldades, eles estão decididos a não abandonar o local até poderem mudar para o lugar de habitação planejado.

Possuem uma série de estratégias de recuperação das matas e das nascentes que encontram-se dentro da área reivindicada. A sustentabilidade desta área está condicionada ao trabalho de recuperação ambiental e a comunidade indígena tem clareza disso, e vem pondo em prática o projeto de ocupação idealizado pelos velhos desde antes de seu retorno à área. Os idealizadores do referido projeto são os antigos moradores, que buscam transmitir aos jovens a memória e o conhecimento sobre a configuração ambiental original para orientar as estratégias de recuperação dos recursos naturais degradados.

A seguir, retomemos fragmentos de falas de lideranças e membros da comunidade Guarani, apresentadas no bloco anterior, para corroborarem com a compreensão do projeto indígena de retomada e de recuperação ambiental da TI:

⁸ Desde os primeiros meses de acampamento comunidade sofreu ameaças, apedrejamentos (eram lançadas pedras nas casas, e algumas vezes nas pessoas, por pessoas que passavam pela estrada) e atentados. Durante os trabalhos do GT, no dia 11 de agosto de 2004, registramos um incêndio intencionalmente provocado no local das habitações. Por volta das 18 horas, um rapaz conduzindo uma motocicleta jogou um recipiente com produto inflamável em chamas na proximidade de uma casa, causando a combustão de um depósito, e fugiu rapidamente pela RS 135. Uma mulher da aldeia viu a ocorrência e alertou a todos. O fogo foi controlado rapidamente, sem ferir ninguém, felizmente.

“O que a gente mais tem pensado, desde que começou a pensar no que os velhos falaram, de voltar para essa terra, é a possibilidade de voltar a mata, de voltar os animais. Eu acho importante explicar isso, porque muitas vezes os brancos dizem: “Os índios são muito vagabundos, eles querem a terra só pra deixar ali, nem plantam, não fazem o que nós estamos fazendo, deixam virar mato e não sei mas o que.” Isso não tem nada a ver. Quando se fala índio é a natureza mesmo! Então, nós com certeza não vamos plantar os 100% que os brancos tão plantando aí. Porque objetivo nosso mesmo é fazer voltar o que era antes, fazer voltar *kaaguý* (a mata), fazer voltar *mbyakuery*, o *nhanderekó* (o jeito Guarani de viver), isso é importante pra nós, pra mostrar pras crianças que tão crescendo hoje. Então eu falo muitas vezes pra comunidade que o futuro, o futuro é pensar nas crianças. Nós vamos conseguir essa terra não é pra mim, é pros meus filhos, pros meus filhos viverem, pros meus filhos não sofrerem, não passarem por essa dificuldade que eu tô passando hoje. A gente tem pensado muito nisso. A água também é preocupação para nós. Que aqui dentro da área tem água, mas só que o problema é o veneno mesmo. Então quando a gente tiver dentro dessa terra, a gente vai proteger essa água que tem. O objetivo nosso não é entrar aí e destruir mais. O objetivo nosso é entrar e fazer voltar como era, e proteger a água, conseguir voltar o *kaaguý*, conseguir voltar os animais. Isso que eu queria que vocês falassem aí nesse documento”.

(Joel Pereira, cacique de Mato Preto, agosto de 2004).

“A gente quer fazer a terra voltar a ser como era no tempo dos velhos. Eles andavam por tudo aqui, porque não tinha nenhuma fazenda dos brancos. Andavam tudo, fazer pescaria, pescar... Fazer armadilha, *mundéu*. (...) A gente já conversou muito com ele [João Maria] sobre onde que eles andavam. Até a esposa dele, que faleceu lá em Cacique Doble [Alicia Natalício], também contava, naquele tempo, eles se conheceram aqui. (...) Então, como ele conhece bem aqui, por isso a gente fez o mapa junto com ele”.

(Siberiano Moreira, vice-cacique, Mato Preto, agosto de 2004).

“Meu pai contava que aqui no Mato Preto já morou muita gente e seus avós, os parentes, estão falecidos aqui. E os Guarani são assim: Eles sempre se lembram de um lugar onde moraram seus parentes, onde se findou seus avós. Eles podem sair longe, que

se lembram daquele que se findou. E eles querem voltar! Há muitos que queriam voltar, porque se lembram que aqui era a parada deles. Só que por motivo desses colonizadores estavam entrando tudo, eles sentiram dificuldade de voltar. Porque naquela época não tinha esse negócio de papel, eles não sabiam que tinha que demarcar. Não tinha quantia a terra. Era enorme, né? Eles nem queriam falar na língua dos brancos, não sabiam de nada!

(...) Hoje, os Guarani tão requerendo um resto, do que é o direito de todos os índios! O pai queria voltar, mas ele sabia que tinha dificuldade de voltar. E acabou não voltando para sua terra. E para nós que somos novos, ficou essa luta. Então, hoje, contando pelos novos, hoje a gente tem aquele sentimento de voltar para a nossa terra tradicional, porque a gente ouve desde pequeno essa história que eles tinham essa terra, esse Mato Preto, e que queriam voltar. Só que a gente ouvia isso e não entendia, né? Os colonos, os *djuruá*, (não índios) foram tomando conta, foram tomando conta, foi ficando cada vez mais triste. Se acabava preocupando e não podia mais voltar! E por isso que hoje nós estamos requerendo o direito deles. Essa luta é uma resistência pelo antepassado, né? Nós vamos buscar o direito para que esses pequeninhos que estão vindo não venha a sofrer de novo. (...) Os Guarani conheciam os lugares e os parentes que se finavam ali, e a saudade sempre ficou no coração, viva! Então a gente ouvia as histórias que os velhos contavam, eles contavam várias histórias e às vezes a gente nem se lembra de tudo. Eles contam e a gente fica meio triste, porque eles contam e a gente vê o que eles sofreram! Eles viviam antes numa facilidade, tinha paz, tinha mata, tinha caça, tinha tudo, e hoje eles tão requerendo uma coisa que nem é mais! E os Guarani estão vivendo numa dificuldade séria, precisam de terra para viver melhor, cultivar a cultura, para que nós possamos viver no que é natural, que a natureza trouxe. E essa luta é bastante sofrida, mas o que estamos lutando, sentindo dificuldades, ameaças, barreiras... E pela história que esses velhos contam, a gente que é mais novo, fica às vezes irritado, por causa que não poderia tá acontecendo isso tudo! Se tivesse a reserva dos Guarani, tranquilo, né? Não precisava tá passando por tudo isso. A gente tá sujeito aí... E não se sabe o dia de amanhã, é arriscado, mas os índios vão lutar! Vão lutar pelo direito até conseguir a demarcação!"

(João Barbosa, Mato Preto, setembro de 2004).

As limitações atuais para o estabelecimento de suas roças é uma das preocupações mais urgentes da comunidade indígena, pois sua subsistência provinha quase que exclusivamente da agricultura na aldeia de Cacique Doble, o que os coloca em situação famélica e de risco social e de saúde. A fala do “pajé” falecido em 2009, acometido de pneumonia fatal, nos coloca a dimensão real destas restrições que as famílias vêm passando nestes anos de cotidiano tomado pela escassez e baixas condições de uso dos recursos naturais da TI, sem condições de plantio, coleta e acesso a plantas, ervas, frutos e sementes fundamentais para a subsistência e a manutenção d técnicas culturais imprescindíveis à reprodução física e cultural do grupo.

“Lá [em Cacique Doble], nós plantava arroz, feijão, milho, de tudo um pouco. Agora aqui a gente sente dificuldade, porque todo ano a gente sempre planta as coisinhas pros nossos filhos... E esse ano a gente tá passando dificuldade. A gente pensa, onde é que vai plantar? E as crianças também querem comer milho verde, querem ver o milho crescendo. E a gente diz: “Vamos esperar em Deus que façam demarcação pra gente!” Até esse ano nós tava discutindo, pra ver se consegue no menos um pedaço pra nós conseguir plantar até que saísse essa terra. Pra nós consolar os nossos filhos também. Porque eles tão vendo que a gente não tá plantando. Mas não é isso, né. Então a gente explica pra eles. A gente quer plantar. Mas isso tudo a gente tá passando dificuldade!

(Ernesto Pereira, liderança espiritual, Mato Preto, agosto de 2004 –
Falecido em Mato Preto, no inverno de 2009).

E se fosse pela vontade nossa, a gente já tava plantando. Já tava plantando! As crianças mesmo dizem: “Nós queremos que vocês plantem milho, plantem feijão, plantem amendoim, plantem batata pra nós comer! Pra nós ver!” Que até a criancadinha, quando o milho cresce, elas começam a sentir alegria. Então hoje a gente ta aqui, não tem onde plantar, e estamos sentindo dificuldade! As próprias criancinhas tão vendo isso! Então a gente vai falando que nós temos nosso plano, que nós queremos plantar. Mas só que eles também querem ver! Então tudo isso passa pela

cabeça das crianças! E eu penso junto com o nosso *tcheramoi* [avô, liderança religiosa.
Refere-se a Ernesto] ali, nosso *karai*, para ver como é que nós vamos fazer.

(Siberiano Moreira, vice-cacique, Mato Preto, agosto de 2004).

1150/07
Fls. 1414
Rubrica

EM BRANCO

2

TERCEIRA PARTE – ATIVIDADES PRODUTIVAS

96
Proc. nº 1150/07
Proc. nº 1415
Fls. 1415
Rubrica

a) Descrição das atividades produtivas desenvolvidas pelo grupo com a identificação, localização e dimensão das áreas utilizadas para esse fim

As atividades produtivas desenvolvidas pelos Guarani de Mato Preto têm provido sua subsistência parcamente. A venda de artesanatos, a arrecadação de doações de vários tipos (desde material construtivo a roupas, alimentos, etc.) com o cultivo de milho, feijão e batata doce (na TI Ventarra, na beira da estrada e em pequenas áreas cedidas), a coleta de frutos e caça de pequenos animais (nas matas do entorno do acampamento e na TI Ventarra). Coletam também plantas e ervas medicinais, materiais construtivos, como madeira, taquara, barro, etc., assim como sementes e taquarinhos para confecção de seus artesanatos tradicionais.

Vários víveres, acesso à água e a recursos naturais também são cedidos por seus vizinhos Kaingang da TI Ventarra, em troca de favores e serviços. O suprimento de água e de lenha tem sido insuficiente e as pessoas encontram soluções paliativas para contornar esta carência, realizando, às vezes, longas caminhadas. A região encontra-se em franco processo de degradação ambiental, a terra foi extremamente explorada pela agricultura extensiva de soja e trigo. As reservas de mata são ínfimas e as nascentes d'água estão secando, em decorrência dos desmatamentos.

O contexto de ocupação atual da região restringe o uso da área, assim, as atividades produtivas não têm podido ser exercidas na sua integralidade. Uma parcela da população envolvente é hostil ao contato com as pessoas da aldeia. Parte dos vizinhos, contudo, reconhece que pela legislação a área será reconhecida como terra indígena e aguardam a indenização para desocupar as propriedades. A população não indígena da região viveu uma experiência semelhante na década anterior, quando do reconhecimento da Terra Indígena Ventarra, dos Kaingang, que passou por um processo de expropriação idêntico ao de Mato Preto.

Em que pese este contexto, a circulação dos Guarani circunscreve-se às áreas sem conflito fundiário. Eles seguem o princípio de não entrarem nas propriedades ocupadas por pessoas que eles sabem hostis a sua presença. Portanto, a ocupação, a circulação e o uso da área feita pelos Guarani é pacífica e planejada, na qual as etapas do processo de reconhecimento e demarcação já estão previstas no projeto de ocupação que estas famílias vêm traçando há alguns anos. Por isso, os Guarani usam de cautela e bom senso para obter o acesso gradativo aos espaços possíveis de serem ocupados sem

[Assinatura]

conflitos, em comum acordo com os atuais ocupantes. É importante ressaltar que este projeto de ocupação culmina com o reflorestamento e recuperação ambiental da área.

As áreas usadas pelos Guarani para suas atividades produtivas e rituais são:

a) O entorno de suas casas, onde realizam as tarefas de processamento e preparação dos alimentos, criação de aves para o abate e produção de ovos, produção de artesanato, etc. (área total de 16 mil m²);

b) Uma pequena área reservada a eles pelos seus vizinhos Kaingang na TI Ventarra, distante cerca de 800 m das habitações a noroeste (cerca de 1.000 m²). Nela estão sendo estabelecidas suas plantações coletivas de milho, feijão e batata doce e as atividades ligadas à caça com mundéos e coleta de plantas rituais e curativas;

c) Duas pequenas áreas cedidas por seus vizinhos não-índios para o plantio de verão do milho e extração de plantas das matas (cerca de 1.200 m²);

d) Pequenas roças domésticas ao lado das casas (de 5 a 10 m²);

e) trechos das faixas de domínio público que as famílias utilizam para cultivo de plantas, coleta de plantas, frutas e sementes (dimensões variáveis).

As atividades produtivas exercidas nesta área, apesar das limitações espaciais e escassez de recursos, reproduzem o modelo tradicional de produção de uma aldeia Guarani, que é baseado na prática agrícola (*temity*) complementada pela coleta, caça e pesca. Assim, neste local são realizadas as seguintes atividades produtivas:

a) Aquelas ligadas à produção e preparação da alimentação básica produzida pela roça de milho, feijão, batata doce e mandioca (complementada por doações e compras de arroz e farinha de trigo, pelo abate de frangos, patos e pombos. Também complementada pela compra de carne de porco e gado);

b) Atividades de coleta de frutas e frutos (também complementada por compras), como bananas, laranjas, pinhões, coquinho do *pindó* e outras palmeiras etc.;

c) Coleta de plantas medicinais, rituais e/ou curativas, como ervas para chás, matéria prima construtiva para instrumentos rituais etc.;

d) Atividades ligadas à caça e à pesca, que representam uma parcela muito pequena da alimentação obtida devido à impossibilidade de acesso às matas e aos rios e banhados;

e) Atividades de coleta de matéria prima e produção de artesanatos para fins utilitários e para venda;

f) Obtenção de lenha e madeiras para construção e manutenção das casas;

g) Extração de mel.

b) Descrição das características da economia desenvolvida pelo grupo, das eventuais alterações causadas pelo contato com a sociedade envolvente e do modo como se processaram tais alterações

A economia desenvolvida pelo grupo atualmente sofre interferências das relações sociais e ambientais de ordem fundiária. A produção da subsistência é provida com as atividades produtivas referidas e complementada com as atividades econômicas ligadas à sociedade envolvente, que será abordada no item C deste bloco.

A divisão social do trabalho organiza-se em categorias de especializações, etárias e sexuais. Há pessoas que dedicam-se exclusivamente ao trabalho na roça ou ao artesanato, por exemplo, devido à afinidade e/ou proficiência na atividade que desenvolve. A maioria das pessoas, contudo, realizam vários tipos de atividades produtivas. Aos mais velhos cabe a orientação dos trabalhos a serem feitos, a produção de artesanatos e o cuidado com as crianças maiores, que os auxiliam na realização de várias tarefas manuais. As crianças menores ficam sob os cuidados de suas mães, que realizam grande parte de suas atividades diárias com seu bebê no colo ou muito próximo a si, e são auxiliadas pelas crianças mais velhas, que cuidam das mais novas. Nas atividades da roça, as mulheres semeiam determinadas plantas, como a cana-guarani (*takuare'é*), a melancia (*tchandiaui*), entre outras. A elas também compete debulhar, selecionar e armazenar as sementes. Os homens geralmente preparam o solo para o cultivo e cuidam das roças coletivas, de milho, feijão e mandioca. As roças familiares são feitas ao redor das casas e cuidadas por todos da família, inclusive as crianças.

Para essas famílias, a adaptação nesta nova situação de habitação traz como maior dificuldade, segundo seus relatos, a ausência de condições para plantar e garantir da roça sua alimentação básica. No período em que o GT estava em campo, no correr do mês de setembro, iniciavam-se os ciclos de plantio dos principais cultivares, e evidenciava-se a impossibilidade de produção de quantidade de víveres suficientes para a alimentação do grupo. Esta perspectiva indica que a médio prazo, isso representa a ameaça de restrição alimentar crônica para esta população, já que o grupo nunca dependeu exclusivamente de alimentos vindo de fora, suprimindo cerca de 80 a 90% de alimentos consumidos com produtos oriundos da agricultura, coleta, caça, manejo e criação de animais.

A seguir, descrição das características da economia tradicional desenvolvida pelo grupo:

Agricultura, coleta e manejo

A agricultura é uma característica dos grupos Guarani históricos e atuais. O cultivo do milho, da mandioca, do feijão preto, etc. faz parte do código de condutas sagradas dentro do pensamento cosmológico dos Guarani. As falas destacadas no decorrer deste texto reforçam a importância sócio-econômica e cosmológico-cultural de alguns desses cultivares.

A seguir temos um quadro com as principais culturas que as pessoas da aldeia têm plantado, coletado, transplantado ou manejado:

Quadro 3 - Principais espécies botânicas de cultivo do grupo:

Nome popular	Nome Guarani	manejo e uso
Milho	Avatchi	Cult, Alim
Feijão	Kumandá	Cult, Alim
Mandioca	Mandiô	Cult, Alim
Batata-doce	Djety	Cult, Alim
Abóbora	Andai	Cult, Alim
Amendoim	Mandubi	Cult, Alim
Melancia	Xandiáu	Cult, Alim
Bananeira	Pacova	Cult, Alim
Pessegueiro	Lurano	Cult, Alim
Fumo	Pentyn	Cult, Mit
Erva-mate	Ka'a	Cult, Alim
Porongo	I'a, Jy'a	Cult, Art
Lágrima-de-nossa-senhora	Ka'pi i	Cult, Colet, Art, Med
Balãozinho, Saco-de-padre	Yaum	Cult, Art, Med
Erva-de-santa-maria	Ka'a are	Cult, Med
Mamona	Mbay syvo	Cult, Med
Caninha	Takuare'e	Cult, Alim
Cana-de-açúcar	Takuare'e avatchi	Cult, Alim
Laranjeira	Nara	Cult, Alim

Cultivada = Cult, Coletada = Colet., Alimentar = Alim, Artesanal = Art, Mítica = Mit, Medicinal = Med.

Os Guarani possuem um elaborado calendário agrícola. A importância do cultivo do milho tem desdobramentos cosmológicos, de organização social e econômicos nas aldeias. O milho encontrado nas aldeias Guarani, denominado *avatchi eté*, é uma espécie de milho geneticamente modificada pelos séculos em que são cultivados pelos povos Guarani. São inconfundíveis, devido sua coloração e tamanhos diferenciados. Suas sementes são relíquias de família, por serem consideradas uma dádiva dos deuses.

Handwritten signature or mark.

Prod100: 1150/07
Fls. 14/9
Rubrica

O calendário agrícola inicia-se com a colheita de verão do milho, quando são realizados os batizados das crianças nascidas naquele ano, ritual denominado *nhemongarai*. A semeadura do *avatchi* abre o calendário agrícola, seguindo-se a ela o plantio de outros cultivares tradicionais, como *djety* (batata-doce), *kumandá* (feijão), *mandió* (mandioca), *takuare'é* (cana Guarani), etc.



Nas fotos acima: Preparo das sementes de *avatchi pinta e pará* para semeadura.. Ernesto Pereira mostra os tipos do milho Guarani colhidos em Mato Preto.

28



Nas fotos acima: Lurdes Ara Martins e sua plantação de *taquare'é* (caninha-guarani) nas margens da estrada, ao fundo, a rodovia RS 135. Roça doméstica, protegida das galinhas e dos cães com cerca de madeira.

J



Muda de árvore frutífera ao lado de uma casa



Crianças catando coquinhos do *pinhão* (*palmeira jerivá*) na beira de uma estrada no interior da TI.

[Handwritten signature]

Assim como as plantas cultivadas na roça, várias espécies de plantas coletadas na mata têm grande importância cosmológica e socioecológica. Entre elas, destaca-se uma árvore de importância central, a palmeira chamada *pindó*, planta que fornece frutos (o coquinho, chamado *vapintá*), suas folhas são usadas como cobertura para as casas e em seu caule desenvolve-se o *itchó*, inseto utilizado como remédio potente e alimento muito apreciado. Destaca-se também o pinheiro de araucária, que fornece pinhões (frutos consumidos assados ou conservados em forma da farinha) e o cedro *ywyraidjá*, cuja casca do caule é medicamento fundamental.

Abaixo, segue quadro com as principais plantas manejadas na mata, com fins alimentares, uso curativo, ritual e matéria-prima para produção de artesanato.

Quadro 4 - Plantas cultivadas e manejadas nas matas:

Planta (nome popular)	Planta (nome Guara)	Local – Fonte	Período de Aquisição	Modo de aquisição	Uso	Parte usada
Jerivá	<i>Pindó</i>	TI Mato Preto e Ventarra/RS (F)	Ago-set	Coleta/ cultivo	MED, AR ALIM.	Toda planta
Pinheiro	<i>Kuri</i>	TI Mato Preto (F)	jun-set	Coleta	ALIM.	Fruta
Cedro	<i>Ywyraidjá</i>	TI Mato Preto e Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	MED, AR	Casca,
Palmito	<i>Djedjy</i>	TI Mato Preto (F)	Todo ano	Coleta	ALIM.	Toda planta
Taquara	<i>Takuaruçú</i>	TI Mato Preto e Ventarra/RS (F)	todo ano	Coleta	ART, AR	Toda planta
Taquara - Mansa	<i>Takuá ete í</i>	TI Ventarra/RS (F)	todo ano	Coleta	ART, AR	Toda planta
Taquarinha	<i>Takuá tchim</i>	TI Mato Preto e Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	ART, AR	Toda planta
Tarumã	<i>Tarumã</i>	TI Mato Preto e Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	MED	Seiva, Casca, Folhas
Esporão-de- Galo	<i>Djuá'í</i>	TI Ventarra/RS (F)	out-mar	Coleta	ART	Semente
Lágrima-de- nossa-senhora	<i>Kapi'í</i>	TI Canta Galo/RS (C)	out-mar	troca/dádiva	ART; RIT	Semente
Caeté	<i>Kaité</i>	TI Mato Preto (C)	fev-maio	Coleta	ART	Semente
Aguai	<i>Aguai</i>	TI Mbiguaçu/SC (F)	julho-out	troca/dádiva	ART; RIT	Semente
Cipó-de-veado	<i>Ywa i um</i>	TI Ventarra/RS (F)	todo ano	Coleta	MED	Toda planta
Cipó-mil- Homens	<i>Xipó</i>	TI Mato Preto (F)	Todo ano	Coleta	MED	Caule

A

1150/07
1423
e

Pariparoba	<i>Pariparoba</i>	TI Mato Preto (F)	Todo ano	Coleta	MED	Folha
Camboatá	<i>Yguata'ã</i>	TI Mato Preto e Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	ARQ	Caule, madeira
Quebra-quebra	<i>Peperi</i>	TI Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta/Cultivo	MED	Toda Planta
Gravatá	<i>Karaguará</i>	TI Mato Preto (F)	Todo ano	Coleta	MED	Caule, Raiz
Angico	<i>Kurupá Pita</i>	TI Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	MED, AR	Casca,
Alecrim	<i>ywyrapepé</i>	TI Mato Preto/RS	Todo ano. Set-jan	Coleta	ART, ME	Sementes casca
Grápia	<i>Ywyrapéré</i>	TI Mato Preto (F)	Todo ano	Coleta	MED,	Casca, folhas
Cangerana	<i>Ywyraeté Pinta</i>	TI Mato Preto e Ventarra/RS(F)	Todo ano	Coleta	MED	Casca, folhas
Corticeira	<i>Kurupikay</i>	TI Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	MED	Seiva, casca
Cereja	<i>Ceredjá</i>	TI Mato Preto (F)	Out-dez	Coleta	ALIM	Fruto
Pau-leiteiro	<i>Kurupi</i>	TI Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	ART	Madeira, Galhos
Pata-de-vaca	<i>Vaca py djá</i>	TI Mato Preto (F)	abril-dez	Coleta	ART, MED	Semente
Arroz-de-Macuco	<i>Aro'i</i>	TI Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	MED	Folha
Cabriúva	<i>ywyrapadjé</i>	TI Ventarra/RS (F)	Todo ano	Coleta	MED	Casca
Louro	<i>Ywydjá</i>		Todo ano	Coleta		Folhas
Erva-de-veado	<i>Guaxú ka'a</i>	TI Mato Preto (C)	Todo ano	Coleta	MED	Toda Planta

MED=medicinal; ALIM= alimentação; ARQ= arquitetura; ART= artesanato, (F)=espécie de floresta; RIT –uso ritual, (C)=espécie de campo

Caça, pesca e criação de animais

A caça é uma atividade produtiva praticada pelos Guarani. Nas aldeias que possuem matas com condições de fartura de caça, a carne dela proveniente é complemento importante à alimentação cotidiana. Em Mato Preto, a ausência de matas com porte para a proliferação de animais restringe a caça. Contudo, a comunidade tem projeto de repopulação da fauna predileta para caça, como já tem sido feito em outras aldeias, com intercâmbio de matrizes. Nas condições atuais, só se caçam tatus e roedores silvestres, principalmente com o uso de mundéos, armadilhas do tipo arapuca, uma técnica de caça muito usada pelos Guarani.

28

O quadro abaixo relaciona alguns dos animais indicados pelos Guarani como tendo importância prática e/ou simbólica. Estas categorias estão representadas da seguinte forma: Caça, fauna de importância simbólica (simb.), fauna de importância ecológica, como difusores de sementes, base de cadeia alimentar etc., (ecol.).

Quadro 5 - Animais silvestres apreciados pelos Guarani

Animal	Nome em Guarani	Uso Cultural
Quati	Tchi'y	Caça, Simb., Ecol.
Tatu	Kurutchã / Txingyré	Caça, Simb., Ecol.
Papagaio	Parakau	Simb., Ecol.
Maitaca	Arapatchai	Simb., Ecol.
Arara	Gua'á	Simb., Ecol.
Periquito	Yryvadjá'i	Simb., Ecol.
Macaco	Ka'í	Caça, Simb., Ecol.
Mico	Hova'i	Caça, Simb., Ecol.
Bugio	Kai'i	Caça, Simb., Ecol.
Paca	Djaitcha / Pay'i	Caça, Simb., Ecol.
Jacu	Djakupe	Caça, Simb., Ecol.
Galinha Do Mato	Uru'í / Uru Ka'aguy	Caça, Simb., Ecol.
Tateto	Ta'y Tetu	Caça, Simb., Ecol.
Anta	Mboré / Mborevi / Tapi'í	Caça, Simb., Ecol.
Veado	Guatchú	Caça, Simb., Ecol.
Porco Do Mato	Kotchi / Koxi	Caça, Simb., Ecol.
Cutia	Akutchi / Akuxi	Caça, Simb., Ecol.
Tucano	Tukã	Simb., Ecol.
Capivara	Kapi'iuá/ Kapi'yvá	Caça, Simb., Ecol.
Lontra	Rovó / Guairaká	Simb., Ecol.
Onça	Tchivi / Ipope'i Va'é	Simb., Ecol.
Graxaim	Guará Tchi'im	Caça, Simb., Ecol.
Ratão Do Banhado	Angudje Pucu	Caça, Simb., Ecol.

A caça e pesca Guarani dispõem de aparato técnico característico. Os principais instrumentos de caça são: *Mundéo*, armadilha do tipo arapuca, que contém um mecanismo de desmonte quando a presa coloca-se na posição de comer a “ceva”, alimento usado para atraí-la até lá. *Aun*, laço armadilha engendrada com corda produzida com cipó de *imbira* ou *guambé* reforçado, disposta em pontos de passagem de mamíferos de grande porte, como antas, veados etc.

A pesca figura como outra atividade tradicional muito praticada pelos antigos moradores de Mato Preto. Os principais instrumentos utilizados são o *pari*, e a flecha *yvirapá*. Vejamos um quadro com as espécies mais citadas por eles:

Quadro 6 – Tipos de peixes mais comuns no Rio Toldo

Nome regional	Unidade de Recurso	Técnica de captura
Traíra	Águas fundas	Pari, anzol, flecha, tarrafa
Lambari	Margens	Anzol, tarrafa
Saicanga	Águas fundas	Pari, anzol
Cascudo	Enseadas, leito d'água	Anzol, tarrafa
Carpa	Açudes	Anzol, tarrafa
Jundiá	Águas rasas	Pari, tarrafa

* Os mais velhos relatam que na antiga *Tekoá Ka'atý*, as grandes pescarias ocorriam no Rio Toldo, mas que se pescava nos arroios e banhados também.

Outra fonte de carne para a dieta básica é o abate de animais de criação. As atividades de alimentação e cuidado com os bichos é compartilhada por todos, mas é desempenhada especialmente pelas crianças. O abate das aves é, em geral, feito pelas mulheres. Os animais criados na aldeia não têm apenas função alimentar. Mesmo os animais criados para o abate, como patos, galinhas e pombos são tratados como os animais de estimação, mantendo interações frequentes com crianças e adultos. Os animais exclusivamente de estimação como cães e gatos ocupam um *status* diferente: são companheiros em várias tarefas desempenhadas no dia-a-dia, especialmente aquelas que envolvem caminhadas e caçadas, no caso dos cães.

Quadro 7 – Animais de criação para abate ou domesticação

Nome Regional	Nome indígena	Local de criação	Uso	Procedência
Porco-da-Índia	<i>Kure mirim</i>	Próximo às casas	Companheiro	TI Cacique Doble
Gato	<i>Tiwí</i>	Casas	Companheiro, controle de ratos	TI Cacique Doble
Cão	<i>Jaaguá</i>	Pátio das casas	Companheiro, guarda	TI Ventarra
Galinha	<i>Uru</i>	Galinheiro (abrigo sem confinamento)	Alimentação (ovos e carne); Artesanato (penas)	TI Cacique Doble
Pomba doméstica	<i>Pikuí</i>	Soltas em volta das casas	Companheiro	TI Cacique Doble

J

Proc. nº 1150/07
Fls. 1426
Rubrica

Produção de artesanato:

O grupo Guarani da TI Mato Preto domina uma série de práticas associadas à arte indígenas, incluindo a arte cerâmica, as cestarias, a confecção de adornos corporais, as esculturas e de alguns instrumentos musicais. Os artesanatos têm função utilitária, simbólica e econômica muito relevantes para os Guarani atuais. A arte da cestaria é desenvolvida na TI Mato Preto principalmente pelos mais velhos. Lurdes Ara Martins, João Maria Pereira e Erica Irwá da Silva são os principais artesãos e esta arte é herdada de geração a geração, pela tradição. Os diversos objetos, cestos, balaies, peneiras, etc., além de comercializados, integram os objetos de uso cotidiano, sendo empregados para guardar roupas, alimentos, etc. As peneiras são usadas no preparo de farinhas e seleção de sementes. Cestos maiores são usados como dormitório de aves, sendo frequentes nos galinheiros. O berço da menina Aline Rokaju Pereira, primeira criança nascida na TI Mato Preto, também é trançado com a taquara-mansa (foto abaixo).

Com relação à arte cerâmica é utilizada pela comunidade para a confecção de cachimbos rituais, *petyngá*. Os especialistas ceramistas desta comunidade detêm conhecimento de toda a sequência de etapas associadas à arte cerâmica, desde a localização e seleção dos barros (chamados *nhae'ü*), até os rituais e cantos associados à durabilidade e valor cultural das peças. Os solos adequados como matéria prima localizam-se junto às várzeas de rios e banhados.

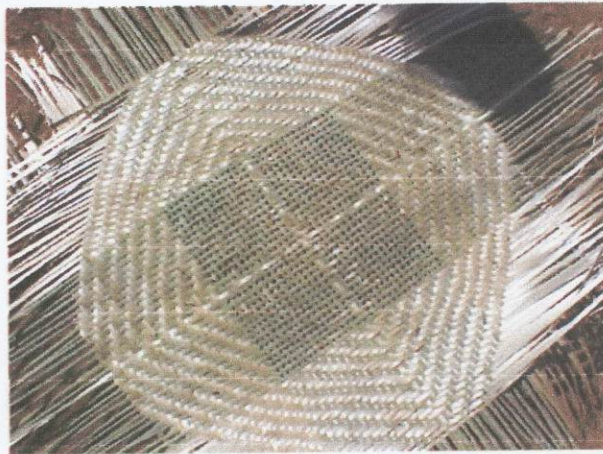
A música preenche um lugar fundamental na organização social e na cultura Guarani, perpassando as esferas da religiosidade e do xamanismo, da luta pela terra, da educação de crianças e jovens. Na TI Mato Preto o grupo de canto e dança reúne os jovens e crianças e é coordenado pelo pajé Ernesto Kuaray Pereira e pelo cacique e professor Joel Pereira. Os instrumentos usados na execução das músicas e composições do grupo são: o *mbaracá-mirim*, o *ravé*, o *taqua'pu*, o *mbaracá*. O porongo para confecção do *mbaracá* é geralmente cultivado, embora o grupo, nas condições atuais, ainda não tenha empreendido o cultivo. A taquara-brava empregada na confecção do *takua'pu* é coletada nas florestas da TI Ventarra.

AS

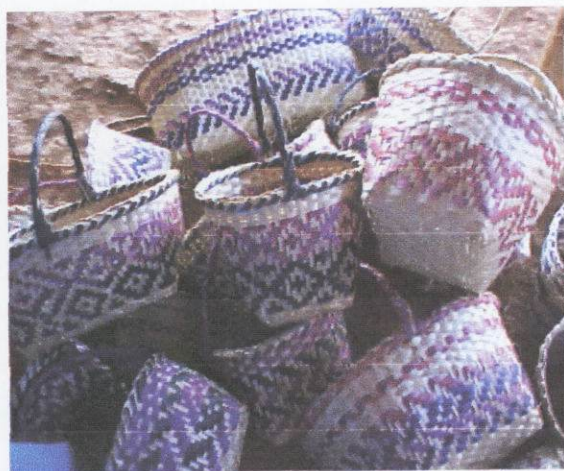


OC. nº 1159/07
11925
brica

Na foto a esquerda, *mundéo* (armadilha feita para caçar pequenos roedores) armado em área de mata. A direita, escultura em madeira feita para ser comercializada.



João Maria Pereira fazendo peneira de *takua ete'i* para a seleção das sementes de *avatchi*



Nas fotos acima, cestaria para venda e balaio para bebê.

2

c) Descrição das relações sócio-econômicas-culturais com outros grupos indígenas e com a sociedade envolvente

Reg. nº
Fls.
Rubrica

1588
C

A comunidade Guarani é diplomática com os aliados e vizinhos com quem interage. Os homens prestam serviços em troca dos favores de uso da terra para plantio e extração de lenha, exercendo tarefas nas lavouras, atividades de construção civil etc. As mulheres Guarani fazem diversos tipos de artesanato: os utilitários, como a cestaria, e os decorativos, como arcos e flechas, paus-de-chuva, bichinhos de madeira, além de adereços corporais, como colares, pulseiras, anéis, tiaras para o cabelo, cintos etc., que oferecem às pessoas que os auxiliam. Estes produtos também são comercializados na beira da estrada e às vezes, na praça central da cidade de Getúlio Vargas.

A renda *per capita* da aldeia gira em torno de R\$50,00 mês, conforme variação do rendimento obtido nas vendas de artesanato. O fluxo de dinheiro na comunidade provém basicamente da produção de artesanato para a venda, que ocupa razoável porcentagem das horas de trabalho de várias pessoas da aldeia. Tarefas como a coleta das matérias primas, confecção dos objetos e sua distribuição e vendas, ocupam mão-de-obra de jovens e adultos, mulheres e homens. O trabalho assalariado e a prestação de serviços braçais também compõem essa lista. Há dois professores: Joel Pereira e Terezinha Pereira, que lecionam na Escola Indígena da TI Ventarra; um agente de saúde indígena, Siberiano Moreira e alguns homens e rapazes que trabalham na lavoura ou em construções de não-indígenas. Além desses recursos financeiros e aqueles providos pela venda de artesanato, há três pessoas que recebem aposentadoria. A distribuição desses valores se dá conforme relações de parentesco e co-residência, o que faz que seu usufruto seja relativamente coletivo e equânime.

✓

1150/07
11929
[assinatura]**QUARTA PARTE - MEIO AMBIENTE****a) Identificação e descrição das áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem estar econômico e cultural do grupo indígena**

As áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem estar econômico e cultural do grupo indígena são aquelas que garantam a reprodução física e cultural da população Guarani e condições ambientais que garantam a bioconservação dos recursos naturais. Estes dados resultam de pesquisa etnoambiental sobre as formas de uso dos recursos ambientais por parte das famílias e levantamento de dados técnicos ambientais (Ver Freitas, 2005a e 2005b).

A preservação dos tais recursos ambientais necessários encontra-se em risco devido ao tipo de uso da terra praticado pelos ocupantes não indígenas, que promoveu intensa depredação da fauna e flora, destruiu, poluiu, drenou e secou nascentes, ameaçando a preservação da qualidade da água e diminuiu drasticamente a quantidade de água destes rios, tendo secado alguns deles.

Os estudos para a identificação e descrição das áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem estar econômico e cultural do grupo indígena Guarani da TI Mato Preto foram realizados a partir da caracterização ambiental da Terra Indígena Mato Preto e das relações da população Guarani com o meio ambiente local¹.

A Terra Indígena Mato Preto situa-se na porção Alta da Bacia do Rio Uruguai, domínio ecológico das Florestas com Araucária (Floresta Ombrófila Mista)², um dos ecossistemas mais ameaçados do Bioma Mata Atlântica e hoje reduzido a menos de 3% de sua área original. Geograficamente, ocupa posição norte no Estado do Rio Grande do Sul, sobre o relevo do Planalto Meridional, na abrangência territorial dos municípios de

¹ Este bloco foi composto a partir do capítulo II do "Relatório Ambiental Circunstanciado de Identificação e delimitação da TI Mato Preto", de autoria de Ana Elisa Castro Freitas e de outros tópicos do citado Relatório. Devido à necessidade de apresentação de uma síntese dos relatórios técnicos ambientais, antropológicos e cartográficos anteriores, este texto é um compêndio de pontos, que sofreram em alguns casos, alterações e seleções de trechos e argumentos considerados relevantes na composição do mesmo. Para maiores informações sobre os temas aqui expostos ver "Relatório Ambiental Circunstanciado de Identificação e delimitação da TI Mato Preto" (Freitas, 2004b) e "Relatório Antropológico Circunstanciado de identificação da TI Mato Preto" (Mello, 2005a).

² No Alto Uruguai a Floresta Ombrófila Mista encontra elementos da Floresta Estacional Decidual e dos Campos Úmidos Subtropicais, assumindo feições particulares. Cabe referir que desde 2001 as Florestas com Araucária integram a lista de prioridades nas ações da Rede SOS Mata Atlântica. A urgência na proteção das essências nativas deste ecossistema se ampara na Resolução CONAMA nº 278/2001, que dispõe sobre a suspensão de autorizações concedidas de corte e exploração de espécies ameaçadas de extinção na Mata Atlântica.

[assinatura]

Getúlio Vargas e Erebangó, distando cerca de 380 km de Porto Alegre e fazendo divisa com a TI Kaingang de Ventarra.

Os ambientes naturais na região de estudo estão na abrangência do Bioma Mata Atlântica na Região de Unidade de Bacia do Alto Rio Uruguai, abrigando cabeceiras, nascentes e cursos superiores de rios e arroios contribuintes do Rio Apuaê³. São eles: Arroio Paulo, Arroio Castilhos, Arroio Erumaré e Rio Toldo. O complexo hidrográfico compreendido por estas águas integra duas Micro-Bacias⁴: a micro-bacia do Rio Toldo e a micro-bacia do Rio Abaúna, ambos afluentes do Apuaê. Todas as águas inseridas na região de estudo estão comprometidas, em diferentes graus, em seus aspectos físico, químico e biológico: muitas das nascentes secaram ou recuaram pelo desmatamento (que inclui o corte raso), as matas de galeria estão ausentes ou reduzidas a poucos fragmentos esparsos, os cursos d'água em geral estão hidrologicamente alterados e expostos aos agentes poluidores empregados na produção agrícola, as comunidades aquáticas estão estruturalmente comprometidas, o que se evidencia nos níveis populacionais reduzidos da fauna de peixes⁵. Como agravante deste quadro, nos últimos anos, em virtude da expansão do cultivo de soja na região, oscilam períodos de enchentes e estiagens com seca. Esta é a realidade em praticamente toda a região do Alto Uruguai. A expansão das empresas agrícolas sobre matas e águas e os empreendimentos hidrelétricos têm produzido alterações de grande porte no volume, hidrodinâmica e qualidade dos recursos hídricos, com reflexos ambientais e sócio-econômicos significativos.

No contexto Mata Atlântica, a região de estudo é domínio ecológico da Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária), sobretudo nas cotas mais altas. Em diversos pontos na região esta Floresta estabelece interface com a Floresta Estacional Decidual (Floresta do Alto Uruguai) e com elementos dos Campos Subtropicais Úmidos, o que contribui para compor a particularidade da diversidade local. Em termos gerais, o Bioma Mata Atlântica pode ser definido como um mosaico⁶ diversificado de ecossistemas, apresentando estruturas e composições florísticas diferenciadas, em função de diferenças de solo, relevo e características climáticas existentes na sua ampla área de ocorrência no Brasil. Atualmente, resta cerca de 7,3% da cobertura florestal original na área coberta pelo

³ O Rio Apuaê é também conhecido como Rio Ligeiro. No município de Charrua, e às margens deste rio, localiza-se a TI Ligeiro, onde vivem grupos familiares da etnia Kaingang.

⁴ "Micro-bacia é a menor área de um sistema hidrológico, delimitada pelo topo dos morros por onde as águas das chuvas são drenadas dando origem a ribeirões, riachos e pequenos rios". (c.f. Gerber, 2003:121)

⁵ Conforme relato de interlocutores Kaingang e Guarani que circulam nas águas locais. Este dado foi confirmado em conversa com moradores locais.

⁶ Na Ecologia de Paisagens, o conjunto de diferentes unidades da paisagem é denominado mosaico (cf. Turner, G.T., Gardner, R.H. O'Neill, R.V. 2001).

dl

Bioma e a mata atlântica configura a quinta área mais ameaçada e rica em espécies endêmicas do mundo⁷. A degradação da Mata da Atlântica impactou definitivamente o conjunto territorial Guarani, principalmente por se tratar de uma cultura com relações socioecológicas seculares e estreitas com a vegetação característica deste bioma.

O clima da região de estudo é classificado como Mesotérmico Brando – super-úmido sem seca⁸. Entretanto, diferentes impactos ambientais (empreendimentos hidrelétricos, desmatamento, comprometimento dos recursos hídricos por drenagem, etc.) estão associados a alterações micro-climáticas na região, ampliando o registro de períodos de seca nos últimos anos⁹. No verão do ano de 2004, a seca prolongada fez com que 255 municípios do Rio Grande do Sul decretassem estado de emergência. Cerca de 28.000 famílias foram diretamente atingidas pela seca¹⁰. Em fevereiro de 2004, a seca no Alto Uruguai era visível nos lagos das barragens de Ita e Machadinho, respectivamente 3 e 10m abaixo do nível médio¹¹. Com base nas observações de campo, as práticas de drenagem e desmatamento associadas ao cultivo da soja contribuem para este fenômeno. A crescente escassez da água foi definida pela UNESCO como o problema ambiental mais grave deste século. Orientado por esta preocupação, o artigo 171 da Constituição Estadual do Rio Grande do Sul estabelece um modelo sistêmico para a gestão das águas do Estado, no qual a bacia hidrográfica foi definida como unidade básica de planejamento e gestão¹².

O termo “Mata Preta” ou “Mato Preto” é uma designação regional e se refere à fisionomia densa e escura conferida pelo pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) à Floresta com Araucária que originalmente cobria cerca de 7,5 milhões de hectares no Sul do país, com encaves em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais:

"Originalmente os pinhais mais extensos se situavam, principalmente, no assim chamado primeiro Planalto Catarinense, abrangendo as áreas compreendidas desde São Bento do Sul, Mafra, Canoinhas e Porto União, avançando em sentido sul até a Serra do Espigão e Serra da Taquara Verde, continuando em seguida pela Serra do

⁷ Fundação SOS MATA Atlântica; Atlas da evolução dos remanescentes florestais e ecossistemas associados do domínio da Mata Atlântica no período de 1990-1995. São Paulo, 1998.

⁸ Fonte: www.ibge.gov.br

⁹ Fonte: www.emater.rs.gov.br

¹⁰ Fonte: Jornal Correio do Povo, 01/04/2004, p.15.

¹¹ Fonte: Jornal Correio do Povo, 26/02/2004, p.38.

¹² A bacia hidrográfica é um "Conjunto de terras drenadas por um rio principal e seus afluentes. A noção de bacia hidrográfica inclui a existência de cabeceiras ou nascentes, divisores d'água, cursos d'água principais, afluentes, subafluentes, etc. Em todas as bacias hidrográficas deve existir uma hierarquização na rede hídrica e a água se escoar normalmente dos pontos mais altos para os mais baixos. O conceito de bacia hidrográfica deve incluir também noção de dinamismo, devido a modificações que ocorrem nas linhas divisórias de água sob o efeito dos agentes erosivos, alargando ou diminuindo a área da bacia" (fonte: www.vivaterra.org.br).

1150/07
1432
Q

Irani em sentido oeste. Em toda esta vasta área, o pinheiro emergia como árvore predominante, por sobre as densas e largas copas das imbuías, formando uma cobertura própria e muito característica. Precisamente em virtude desta cobertura densa e do verde-escuro das copas dos pinheiros, estes bosques são denominados pelos serranos, de Mata Preta.¹³

Ao longo de sua área de cobertura, esta floresta estabelece interface com diferentes ecossistemas associados¹⁴. Na região do Alto Uruguai, a chamada “Mata Preta” (Floresta com Araucária, Floresta Ombrófila Mista) encontra elementos da “Mata Branca” (Floresta do Alto Uruguai, Floresta Estacional Decidual), assim conhecida pela fisionomia clara das copas emergentes que perdem as folhas durante o inverno. Este encontro se dá pelo avanço de espécies características da Mata Branca pelas calhas dos rios, desde a Bacia do Uruguai, atingindo as cotas de maior altitude em que predominam os pinheirais.

O angico-vermelho (*Parapiptadenia rigida*) é uma das espécies de Mata Branca que primeiro penetra na Mata Preta, sendo reconhecida pela sua força de pioneirismo, podendo ser encontrada nas submatas dos pinhais, principalmente nas submatas formadas pela canela-lajeana (*Ocotea pulchella*). A distribuição do angico-vermelho coincide com praticamente toda a área do território Guarani, sendo observado do Mato Grosso ao Rio Grande do Sul, além de Bolívia, Argentina e Paraguai¹⁵. Encontrado nas florestas da TI Ventarra e nos fragmentos florestais mais maduros da TI Mato Preto, o angico-vermelho (*kurupa'pytã*) foi identificado pelo pajé Ernesto Kuaray Pereira como espécie de uso tradicional Guarani, que afirma:

“O angico é uma força pro Guarani, pra respiração do Guarani. *Nhanderu* mostra esse remédio pra nós”. Quando nós andamos num matinho, assim, ficamos alegres de encontrar o angico, o cedro, o pindó. Esses são a natureza que nós conhecemos, aí ficamos alegres de encontrar”

(Lurdes Ara Martins. Mato Preto, setembro de 2004).

¹³ Reitz, R. & Klein, 1966.

¹⁴ Entre eles merece destaque o Campo Sulino (Estepe Gramíneo-Lenhosa, Campos Subtropicais Úmidos), juntamente com a Savana Arbórea Aberta e o Campo Rupestre. Trata-se de uma formação geológica antiqüíssima, com cerca de 60 milhões de anos, ocupando altitudes que variam de 750 metros a 1200 metros e depressões circulares de até 100 metros de profundidade (IBGE, 1992).

¹⁵ Reitz *et al*, 1998:139.

L

1150/07
1433

O *Pindó* (jerivá – *Syagrus romanzoffiana*) é outra árvore fundamental para os Guarani, sendo utilizada desde o fruto, muito apreciado e utilizado na culinária em várias receitas, como para produção de medicamentos. Essas palmeiras são totalmente aproveitadas pelos Guarani (frutos, caule, fibras e folhas), sendo fonte de alimento, remédio, abrigo, artefatos e energia (fogo). Suas folhas são usadas como cobertura de casas, do tronco se extrai medicamentos e serve de criação do *itcho* e sua disposição no espaço pode indicar *pindoty* (plantações de palmeirais dispostas no espaço em formas geométricas que indicam que foram plantados por Guarani). É considerada espécie indicadora dos locais propícios para a formação de aldeias¹⁶. Assim como o angico-vermelho, esta palmeira também é encontrada na TI Mato Preto em pontos de importância ritual e histórica importantes. Na capa do Relatório temos uma foto com um destes espaços, um *pindoty* (ao fundo) marca o local de uma antiga área de habitação, da família Barbosa, indicado no Croqui da página 83 com o número 16.

As formações florestais da TI possuem classificações êmicas. Os especialistas indígenas no conhecimento das matas dividem a mata em dois tipos básicos: a “Mata Escura ou Preta” (*Patumrei*) identificada como zona apropriada para a caça e a coleta; a “Mata Clara ou Branca” (*edjakarei*) associada aos cursos d’água, à agricultura, à cerâmica e à pesca. Espécies de ambas as formações florestais são identificadas e incorporadas no sistema de cura tradicional Guarani: em uma incursão nas florestas da TI Ventarra, o pajé Ernesto Kuaray Pereira reconheceu quatorze espécies de uso medicinal integrantes dos diferentes estratos florestais: ervas, arbustos, arvoretas, árvores e epífitas. Estas espécies estão associadas à cura de doenças que atingem diferentes sistemas corporais: digestivo, respiratório, reprodutor, locomotor, nervoso. Nesta mesma incursão foram localizadas espécies de uso alimentar e tecnológico, como a amora-do-mato, a pitanga, o pinhão, a taquara-mansa, as imbiras e cipós empregados na confecção de cordas e na coloração das cestarias.

A fauna da área de abrangência do Bioma Mata Atlântica, onde insere-se Mato Preto, tem 269 elementos que integram a lista de espécies ameaçadas de extinção (sendo 103 de invertebrados, 15 de anfíbios, 45 de répteis, 94 de aves e 39 de mamíferos). No Rio Grande do Sul, são 70 espécies que se encontram vulneráveis, em perigo ou criticamente em perigo de extinção. O principal fator de risco que incide sobre estas espécies é a destruturação dos habitats e micro-habitats, fruto da crescente fragmentação e isolamento

¹⁶ De acordo com Ladeira (2001:136) “Entre tantas espécies e elementos que fazem parte do acervo guarani há alguns considerados como indicativos de lugar, para a formação das aldeias. Entre eles, *pindo etei* e *tava*”.

A

das unidades de paisagem, e a ausência de corredores ecológicos que permitam o fluxo gênico entre manchas discretas. O desmatamento, a redução e poluição das águas, a homogeneização das paisagens pelas monoculturas, os empreendimentos hidrelétricos e outras obras de impacto estrutural no ambiente são os principais fatores relacionados a este problema. Atualmente com menor importância, a caça e o comércio de animais selvagens, assim como o atropelamento nas estradas e rodovias também pesam como fatores de risco. A conservação e possibilidade de expansão destes fragmentos florestais, tem no relevo elemento importante, sobretudo no que se refere ao estabelecimento de condições favoráveis ao fluxo gênico entre as manchas florestais. Sabe-se que as sementes de espécies anemocóricas (cuja dispersão se dá pelo vento), atingem áreas mais amplas quando situadas em cotas elevadas do terreno¹⁷. Na TI Mato Preto o relevo possui ondulações que variam na faixa das cotas de 800 a 600m. Na altura do divisor de águas das micro-bacias do Arroio Castilhos e do Rio Toldo, um pico de 808m de altitude abriga fragmentos florestais importantes e que devem ser incluídos nos limites da TI Mato Preto. As espécies florestais destes fragmentos, em função da cota de altitude, têm possibilidades de colonização dos espaços de ambas micro-bacias, o que é interessante no prognóstico de restauração das florestas locais. O mesmo vale para as florestas situadas nas nascentes do Arroio Paulo, em cotas de 750m a 800m.

Determinadas espécies da fauna ocupam posição de destaque no contexto do universo cultural Guarani. Os Guarani detêm apurado conhecimento sobre o comportamento de espécies como a anta (*Tapirus terrestris* – *mbore v'i*) ou a queixada (*Tayassu pecari* – *kotchi*), regras associadas à caça e consumo animal, categorias êmicas para a classificação de formações vegetais e processos ecológicos, assim como uma série de concepções indígenas acerca da passagem do tempo, dos ciclos naturais e da ordenação da paisagem. O casal Ernesto Kuaray Pereira e Lurdes Ara Martins detêm profundo conhecimento sobre a fauna local, que contudo está escassa. Para compensar a atual condição de raridade em que se encontra a fauna na área reivindicada, os Guarani projetavam seu olhar para o futuro da TI Mato Preto, ressaltando seu interesse em criar condições para que “os bichinhos do mato voltem”. Vejamos, o trecho de uma entrevista a este respeito:

Ambientalista - E os animais aqui nessa área, tem bichinho por aqui?

¹⁷ Rodrigues, 2003.

1150/07
1435
9

Ernesto K. Pereira – Eu por aqui não vi nada. Vi um que um tatuzinho veio por ali, e mais nada. Ele, mesmo, ainda não vi; vi só onde eles fuçaram (...). Outro dia eu vi também um veado que andava por ali [na T.I. Ventarra], lebre tem também. Lá na terra dos Kaingang tem muito veado! Nós queríamos muito que vivesse os bichinhos aqui. Mas aqui, esses tempinhos aí, ali pra cima [na área ocupada por um colono] estavam caçando lebre.

Darci da Silva – Bichinho nativo não temos mesmo... Porque tem o veneno e não tem o mato.

Ambientalista – Voltando o mato vocês acham que voltam os bichinhos também?

Ernesto e Darci – Voltam.

Siberiano Moreira – A gente crê em Deus que volte, né. Porque eu mesmo, que tô aqui, tenho 24 anos e não conheço uma quantia de bichos que eles conhecem. Então a gente também quer conhecer! Então a gente tá trabalhando em cima disso, pra que volte o mato, pros meus filhos, prá que eles também conheçam, saibam que bicho que tem, saibam que animais que eles não conhecem e que eles podem conhecer com ele, porque ele [Ernesto] conhece mais que a metade do que eu; muito mais! Então isso que a gente ta brigando, prá voltar o mato! Prá ouvir passarinho cantar! A gente não vê passarinho cantar; tudo o que a gente vê lá pra cima a gente não vê nem a metade aqui! Mas eu tenho orgulho bastante que volte o mato, pra nós viver, conhecer.

(Ernesto Pereira, Darci da Silva e Siberiano Moreira, Mato Preto, agosto de 2004).

A abundância relativa de algumas espécies da fauna em determinados espaços regionais (como é o caso do veado (*guaxú*) - encontrado nas florestas da TI Ventarra, por exemplo), aponta para a existência de reservatórios locais a partir dos quais, uma vez estabelecidas vias de fluxo, os ambientes da TI Mato Preto, restituídos aos indígenas, poderão ser repovoados¹⁸. Ainda sobre este aspecto, o depoimento do Guarani Pedrinho Mariano faz referência a plantas e animais presentes na região na época da *Tekoá Ka'aty*, pouco antes da colonização da Floresta Matto Preto:

¹⁸ No caso específico da TI Ventarra, uma vez que a RS 135 separa as duas TIs, será necessário projetos que viabilizem o intercâmbio de fauna entre as duas áreas.

J

Quando eu era piá conheci tudo por aqui. Era tudo mato, só matão. Os pinheiros eram fechados, a terra era boa de planta pros Guarani. Não tinha essa estrada aqui [RS 135], só estrada de cavalo. Naquele tempo aqui dava tudo quanto era bichinho: tatu, veado, quati, tigre, paca, cotia, ka'í [macaco], tudo o quanto é bicho do mato. E madeira boa, tinha o angico, a cabriúva, a canjerana, a grápia, o cedro, o camboatá, tarumã, pindó, tudo quanto é madeira de lei, mesmo. Nesse tempo eu tinha uns dez anos. Depois o pai faleceu, botaram colônia e o povo foi se retirando. Hoje tão voltando, que essa terra é do Guarani.

(Pedrinho Mariano, Mato Preto, agosto de 2004).

No que se refere à caça, as seguintes espécies de mamíferos foram citadas pelos interlocutores Guarani como sendo de ocorrência na *Tekoa Ka'aty*: anta (*Tapirus terrestris* – *mbore v'i*), paca (*Agouti paca* – *djaitchá*), porco-do-mato ou cateto (*Tayassu tacaju* – *ta'yietu*), queixada (*Tayassu pecari* – *koxi*), tatu (*Dasybus sp.* – *tatuetéi*, *tatupodjú*), tapiti (*Sylvilagus brasiliensis* – *tapi'tchii*), capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris* – *kapi'ýwá*), quati (*Nasua nasua* – *xi'y*), cutia (*Dasyprocta azarae* – *akuxi*), veado (*Mazama sp.*, *Ozotocerus bezoarticus*, *Blastocerus dichotomus* – *guatchi*, *kuaxueté*, *kuaxuwirá*, *kuaxupytã*, *kuaxupuku*).

As evidências de conhecimento florístico e faunístico específico, a percepção sobre os ciclos reprodutivos e consciência de que a preservação dos recursos naturais está intimamente ligados à qualidade de vida das gerações atuais e futuras nos leva a concluir que os aspectos culturais da ocupação Guarani, da perspectiva ambiental, é um elemento determinante do incremento da biodiversidade regional. Se de um lado os dados de campo sugerem que a fauna e a flora de uma determinada região são importantes nos processos de territorialização Guarani, de outro eles também revelam que o próprio manejo Guarani acaba sendo decisivo para a ordenação dos ambientes naturais, definindo padrões particulares de biodiversidade nos espaços que ocupam, conservando-os e aumento a diversidade do ecossistema¹⁹. As florestas (*ka'aguy*) e águas (*yn*) são identificadas pelos especialistas Guarani como a base para a manutenção e reprodução de seus costumes e

¹⁹ Estudos contemporâneos indicam associações entre padrões de territorialidade, práticas de manejo e biodiversidade no contexto Guarani. Para mais informações ver: Catafesto de Souza, 1987; Ladeira, 2001; Felipim, 2001; 2004; Ikuta, 2002; Noelli, 2003).

[Handwritten signature]

tradições – do *Nhande reko* (modo de ser Guarani). Esta importância se verifica pela diversidade de categorias êmicas²⁰ empregadas para qualificar estes elementos.

Com relação à sua localização, nas cabeceiras dos arroios Paulo, Castilhos e Erumaré e nas nascentes e pontos de confluência dos formadores do Rio Toldo (cursos superior a médio), se encontram as formações florestais contíguas mais maduras e mais conservadas da área reivindicada²¹. Além das cabeceiras de rios acima citados, os arroios e florestas remanescentes, os banhados são outra importante unidade de paisagem. Muitas espécies da fauna e flora ocorrem nestes banhados, que se traduzem em um habitat específico e privilegiado no contexto da TI Mato Preto. Seja como pousio, dormitório, ninho ou berçário, aves, anfíbios, répteis, mamíferos e peixes, além de uma infinidade de invertebrados, encontram nos banhados um espaço ecológico especial. Os “banhados” têm importância simbólica fundamental e ocupa espaço privilegiado no Mito Guarani dos Gêmeos Kuaray e Jatchi, (ver anexos do Relatório Ambiental). O entorno dos banhados é o espaço que abriga os solos apropriados para a arte-cerâmica, chamados pelos Guarani de *nhae'ü*.²²

Do ponto de vista estritamente ecológico, os banhados remanescentes na TI Mato Preto se traduzem em unidades que qualificam o mosaico da paisagem em termos de estrutura – maior complexidade – e conseqüentemente em termos de nicho ecológico e de habitat para espécies da flora e fauna local. A comunidade de Mato Preto mostra-se apta a fornecer uma ampla variedade ecossistêmica nesta área. Mesmo com as limitações atuais, decorrentes da condição de habitação em acampamento, numa área exígua, os Guarani na TI Mato Preto mantém espaços de criação animal e cultivo, onde plantas integrantes do repertório dos cultivares tradicionais Guarani se encontram intercaladas com espécies da flora nativa e mudas são preparadas a partir de sementes e replantes para compor o ambiente futuro. O plantio de sementes de *aguai* (*Chrysophyllum viride*) nos espaços

²⁰ Este termo faz referência às classificações nativas do universo, a partir das perspectivas culturais, próprias do grupo. São exemplos dessas categorias: *yy porã* - água pura, *ka'aguy iwaté* - mato alto, *ka'aguy wain'ĩ* - mato baixo etc.)

²¹ Quase todas estas florestas em melhor estado de preservação se encontram na abrangência da antiga Reserva Floresta Matto Preto (1929). Nos trabalhos de campo verificamos que o grupo indígena conhece estas florestas em termos de composição e distribuição dos recursos naturais.

²² Cabe ressaltar que estudos realizados pelo Museu Antropológico do Rio Grande do Sul apontam a família extensa que reivindica a TI Mato Preto como uma das últimas comunidades Guarani Chiripá que detém todos os conhecimentos e procedimentos técnicos tradicionais associados à arte cerâmica, desde os saberes relacionados à localização e seleção dos barros até os rituais xamânicos ligados à durabilidade e valor cultural das peças. Este dado reforça a importância de garantir unidades ambientais que possibilitem a continuidade destas tradições. Estes estudos foram coordenados pelo antropólogo Walmir Pereira, sendo realizados na TI Cacique Doble em 2002, com apoio da Coordenadoria Regional de Educação de Erechim, e da Secretaria Estadual da Cultura.

S

domesticados das roças é exemplo do consórcio entre plantas de importância simbólica e de subsistência. O aguai é uma planta de grande valor simbólico para os Guarani: ela está presente no Mito do Sol e da Lua e suas sementes são usadas na composição dos colares cerimoniais. As sementes de aguai que Ernesto Kuaray Pereira tem usado para plantio foram trazidas da TI Mbiguaçu, no litoral de Santa Catarina. O manejo Guarani contribui para que esta planta, característica da Floresta Ombrófila Densa, tenha sua distribuição estendida aos ambientes do Alto Uruguai. Em comparação ao aguai, a erva-mate oferece um exemplo do fluxogênico estabelecido pelos Guarani em seu sentido contrário, ou seja, das florestas do interior do continente, em direção ao litoral e à Mata Atlântica *stricto sensu*. As famílias Guarani em trânsito podem dispersar por centenas ou milhares de quilômetros um determinado organismo de fauna e flora silvestre, ampliando sua área de ocorrência e favorecendo o fluxo genético entre populações discretas.

Ernesto – Quando nós tivermos morando lá pra baixo (no espaço designado para a implantação da nova aldeia), vamos criar porquinho, galinha, uma vaquinha de leite e deixar pros neto, pros filhos que fiquem. E queremos deixar o mato voltar, pra criar bicho de novo, que a maioria não sabe o que é bichinho. Bichinho de caça, tem vários de caça que nem vi nenhum por aqui (...). Aqui não vi nem paca, não vi cutia, nem graxaim acho tem aqui, nem gato-do-mato não vi, quati não tem, ouriço não vi também. Onde que tinha bastante ouriço era em Cacique Doble...

Darci – Papagaio...

Ernesto – Papagaio, periquito, caturrita não vi desses bichinhos por aqui. Esses bichinhos é que nós gostava. Os antigos criavam. Eu me lembro até hoje, quando eu tinha uns doze ou treze anos falecida mãe criava papagaio, periquito, caturrita...

Darci – Aqui não vi nem mico...

Ernesto – Mico também não tem, nem bugio não vi também. Agora, no Cantagalo (aldeia Guarani onde residem parentes desta família extensa) tem bastante bugio.

Lurdes – Quando nós morar lá pra baixo a gente vai buscar esses bichinho lá em Cantagalo pra criar aqui.

Ernesto – Nem nhambu não vi cantar, o nhambuzinho do mato. O uru do mato não vi.

Terezinha – Eu digo que quando nós formos morar lá pra baixo nessa nossa terra, tudo que falta de bichinho, que nem esses micos, que dizem bugio, a gente podia trazer de lá [TI Cantagalo] pra cá pra se criar. Que eu também não conhecia. Eu fui

X

120
Proc. nº 1150/07
Fls. 1439
Rubrica

pra lá pro Cantagalo passear, aí eu até estranhei, não sabia que bicho que era esse. Daí
o meu tio disse: “Esse que é o bugio”. Daí eu gostei.

(Ernesto Pereira, Lurdes Martins, Darci da Silva, Terezinha Pereira e Siberiano
Moreira, Mato Preto, agosto de 2004).

As águas da TI requerem atenção imediata quanto à sua preservação. Através deste estudo, verifica-se que há comprometimento geral das águas e florestas na região. Nem toda a extensão da TI encontra-se no mesmo estado de degradação: há locais com fragmentos florestais relativamente maiores, mais contínuos e maduros (florestas inequianas com presença de elementos arbóreos estruturalmente importantes), que devem ser considerados no contexto de delimitação. Praticamente todas estas florestas são áreas de preservação permanente, revestindo cabeceiras, nascentes e parcelas dos cursos d’água, e abrigam espécies vegetais importantes em termos estruturais, como o pinheiro-brasileiro (*Araucária angustifolia*), o tarumã (*Verbenoxylum riedelii*), o ariticum (*Rollinia emarginata*), o angico-vermelho (*Parapiptadenia rígida*), a grápia (*Apuleia leiocarpa*), o cedro (*Cedrela fissilis*). Este contexto favorece a recuperação ambiental da área quando somadas às técnicas Guarani de agricultura e manejo.

Em conclusão, as áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem estar econômico e cultural do grupo indígena, ou seja, aquelas relacionadas ao uso atual, aquelas necessárias para proporcionar agricultura e coleta de subsistência para as famílias e áreas de preservação e conservação dos recursos naturais necessários ao bem estar econômico e reprodução cultural do grupo.

J

b) Explicitação das razões pelas quais tais áreas são imprescindíveis e necessáriasProc. nº 1150/07
Fls. 1440
Rubrica 

As áreas apontadas na proposta ambiental como imprescindíveis e necessárias foram indicadas a partir dos resultados dos estudos técnicos, somatória das áreas utilizadas e análise das áreas necessárias para a produção da subsistência do grupo e reprodução do seu ethos cultural de produção e uso dos recursos ambientais. Os ecossistemas necessitam dos elementos faunísticos e florísticos elencados. Tal proposta inclui lugares para efetivação de roças de subsistência, corpos d'água, área de cultivo de árvores de importância especial (como o *pindó*, reflorestamento de araucárias, áreas para coleta de material para produção de artesanato, como bambú, madeira de corticeira, por exemplo), áreas de moradia, entre outras.

Estimativas feitas sobre a quantidade de recursos ambientais necessários para proporcionar segurança alimentar à população da aldeia, estimativas sobre o crescimento populacional (ver dados a respeito no bloco seguinte "Reprodução física e cultura"), avaliação das condições ambientais da área a ser demarcada, índices de regeneração ambiental, entre outros.

Aplicou-se tais dados para elencar as áreas necessárias para satisfazer as quatro situações previstas pelo artigo 231 e reiteradas no parágrafo 4º da Portaria 14/96: "(a) as áreas habitadas pelos indígenas em caráter permanente, (b) as áreas "utilizadas para suas atividades produtivas, (c) as áreas "imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem estar", e (d) as áreas necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições".

Da perspectiva ambiental, um grupo Guarani com população média oscilando entre 70 e 100 pessoas, desempenhando suas atividades tradicionais numa área com as características ambientais presentes, necessita do plantel de unidades de paisagens referidas acima, como alguns banhados e arroios, formações florestais, geográficas e geológicas, indicados no texto acima e detalhados no Relatório Ambiental Circunstanciado (Freitas, 2004b). A proeminência cultural de consumo dos produtos provindos da agricultura, indicam a necessidade da seleção de áreas destinadas à lavouras de subsistência e espaços físicos adequados e suficientes a essa prática. Além disso, a escassez e contaminação dos corpos d'água da região, indicam a necessidade de garantia da existência de nascentes dentro dos limites. Da mesma forma, o consumo de alimentos providos pela caça e pesca; a coleta de frutos, plantas medicinais, mel etc., dependem da existência de mata em condição de regeneração e a necessidade



1150/07
144
e

econômica de obtenção de matéria-prima para a produção de artesanato, (de onde provém parte da renda das famílias) também dependem da recuperação ambiental da área.

Para se garantir ambientais indicadas será fundamental a implementação do projeto nativo de resgate ambiental em caráter urgente, pois a degradação de alguns corpos d'água fundamentais, a extinção de certos elementos de fauna e flora, etc. colocam a área em situação de risco, com sérias ameaças de danos irreversíveis ao ecossistema. De acordo com a legislação vigente, as propostas de recuperação ambiental da área indicadas pelos Guarani, as áreas de plantio, reflorestamento de matas e águas, que configuram as tais "áreas necessárias à reprodução física e cultural do grupo", aquelas necessárias para a implantação de roças tradicionais que suportem a segurança alimentar do total da população, somadas àquelas áreas que contenham e/ou fornecem os elementos necessários à continuidade de sua cultura material e simbólica relacionada ao ambiente foram consideradas para estabelecer parâmetros para estes estudos.

O governo do Estado, a partir de 1994, criou o Conselho Estadual de Meio Ambiente (CONAMA) e a partir de 1995 criou o Conselho Estadual de Desenvolvimento Sustentável (CEDS).
Em 1995, o CONAMA criou o Conselho Estadual de Meio Ambiente (CONAMA) e a partir de 1995 criou o Conselho Estadual de Desenvolvimento Sustentável (CEDS).
Em 1995, o CONAMA criou o Conselho Estadual de Meio Ambiente (CONAMA) e a partir de 1995 criou o Conselho Estadual de Desenvolvimento Sustentável (CEDS).

Verifica-se a importância da gestão do território da população indígena por temas ambientais e culturais.

Finalidade da Pesquisa de Meio Ambiente: Meio Ambiente.



A pesquisa de meio ambiente é uma atividade que visa a identificar e avaliar os impactos ambientais de uma determinada atividade ou projeto.

de

115067
1493
e

manifestaram o desejo de juntar-se aos parentes. Muitas destas famílias, que habitam Serrinha, Salto do Jacuí, Mbiguaçu, por exemplo, moraram anteriormente em Cacique Doble, tendo laços sociais efetivos com as famílias que agora habitam Mato Preto, o que é condição fundamental para deflagrar esta convergência de migrações de famílias Guarani para Mato Preto. Considerando estas manifestações, temos que o aumento populacional se dará em progressão geométrica. A estimativa do número de pessoas que efetivamente se deslocarão em direção à nova aldeia, contudo, é imprecisa devido à alguns fatores preponderantes. Além da mobilidade característica das famílias Guarani, que complexifica este tipo de estimativa, soma-se o fluxo de pessoas que convergirão para esta terra indígena, por diferentes motivos, e estes variarão conforme uma cascata de hipóteses, como por exemplo, o tempo em que a situação de acampamento permanecer, contexto fundário de outras famílias desterritorializadas, configurações climáticas, efetivação do projeto de recuperação ambiental da área, entre outras possibilidades. Tomando como base para exemplo o número de pessoas que planejam mudar-se para Mato Preto nos próximos meses, como os filhos de Pedrinho Mariano (atualmente em Serrinha, RS) ou a família de Luís Natalício, com cinco filhos, noras, genros, oito netos, dos quais três com suas esposas e dois bisnetos, (atualmente em Salto do Jacuí, RS), teríamos um acréscimo de cerca de 80% na população inicial.

Projetando nestas estimativas de índices de natalidade, mortalidade e crescimento populacional vegetativo temos que a população da aldeia deve atingir um crescimento populacional de cerca de 50 a 100% nos primeiros anos. Devemos considerar também a possibilidade de decréscimo, em caso de núcleos familiares ou pessoas em movimentos matrimoniais deixarem a aldeia. A média populacional das maiores aldeias Guarani do Rio Grande do Sul e Santa Catarina é de 200 a 300 pessoas, o que tomamos como valor de referência.

X

b) Descrição dos aspectos cosmológicos do grupo, das áreas de usos rituais, cemitérios e lugares sagrados, relação de tais áreas com a situação atual e como se objetiva essa relação no caso concreto

Os aspectos cosmológicos da cultura Guarani conectam-se com as práticas e saberes ligados à terra, à agricultura, as relações de parentesco, etc. As áreas de uso ritual envolvem práticas de batismo de sementes (em especial, a do milho), as práticas xamânicas relacionadas aos corpos d'água, os rituais curativos que exigem plantas e espíritos da mata e elementos geográficos (como morros ou configurações ambientais específicas) que marcam a relação com o sobrenatural e a cosmogonia do povo Guarani. Os cemitérios são locais de importância histórica e cosmológica/sagrada para o grupo. O antigo cemitério e os locais de antigas habitações são referências fundamentais para o grupo e estão elencados no croqui elaborado pela comunidade, apresentado na página seguinte (registrado também na página 83 deste Relatório). O "Croqui Guarani" traz o registro gráfico do projeto de recuperação ambiental da área e de pontos etnohistóricos indicados pelos entrevistados, o que nos permite compreender a importância ritual e simbólica destes elementos, por esta razão, abaixo retomamos as indicações de tais pontos.

A *opy* (casa de reza) e a roça estão interligadas diretamente – são os espaços onde os vivos realizam o *nhanderekó*. – conjunto de normas de conduta social, política e religiosa que define a identidade Guarani, e para serem vivenciados precisam de um lugar adequado para tal, uma *tekoá* – terra que reúna as características "sagradas", preconizadas pelos deuses. Esta estreita relação cosmológica entre o lugar em que se vive e a forma como tal local estrutura-se social e ambientalmente é tema de vários estudos etnológicos sobre os Guarani. A célebre frase do guaraniólogo Bartomeu Meliá: "sem *tekoá* não há *tekó*" (Meliá, 1990) resume esta interdependência entre as crenças cosmológicas e as atividades cotidianas ligadas às atividades produtivas.

Como já mencionado, a situação atual vivida pelo grupo é de impossibilidade de uso de várias áreas fundamentais para a comunidade. Na experiência cotidiana, as famílias Guarani estabelecem suas práticas rituais em locais seguros, como a casa de reza, construída junto às casas, alguns rios e banhados, onde o trânsito não apresenta risco eminente e os capões de mata.

E principalmente, projetam para o futuro a possibilidade de reconstruir suas roças e matas, revitalizando ambiental e culturalmente a TI Mato Preto.

conhecimento tradicional Guarani, como bracatinga, timbó, cedro, angico, etc. Indicado no croqui da página 114 pelo número 10. Dos pontos 2 ao 3, extrema norte, temos o *Piky ry*, rio de pesca, que na ocupação pregressa do início do século XX estendia-se bem mais ao norte, até o Rio do Toldo. Dos pontos 3 ao 4, a nordeste da área demarcanda, os limites seguem pela estrada, margeando o *Ypamiri* banhado próximo à antiga casa de Quirina Natalício (indicada com retângulo rosa) e mata a ser plantada para regenerar o ambiente, atualmente degradado. A leste, dos pontos 4 a 7, os limites seguem também a estrada, contornando o local *Yakã Mborepi*, o “Banhado da anta”, próximo a onde morava a família Barbosa, indicada com um retângulo rosa. O ponto 4 denominado *Yy porã* (água boa) marca a antiga casa de João Maria, também indicada por um retângulo rosa. O ponto 5, denominado *Ju'iy* é banhado de importância histórica para o grupo. Local de nascente de rio que abastecia antigas habitações. Nele, atualmente, os Guarani identificam animais de caça, como o ratão do banhado. Os pontos 6 e 7 marcam cursos d'água, o *Yakã ojauaty* e o *Yakã ry apy* (nascente e curso médio do Rio *Yakã ry apy*) relacionado com a antiga aldeia. À sudeste, os pontos 08 a 12 circundam área de importância fundamental, com boa diversidade biológica e presença de árvores raras e boas perspectivas de regeneração ambiental, denominada *Nhundy'ay*, que propicia também a caça de aves silvestres. No ponto 8 fica *Karumbey*, o banhado das tartarugas, futura área de roça, onde serão plantados os cultivares de importância social e cosmológica fundamentais, como o milho e a mandioca. O ponto 9, denominado *Pindoty* (palmeiral), registra local de fundamental importância cultural e ambiental. O *pindó*, ou jerivá, é árvore grande de importância econômica e cosmológica para os Guarani, além de suas folhas servirem como matéria-prima para a cobertura dos telhados das casas tradicionais, seu fruto, o *vapintá*, ser muito apreciado, consumido *in natura* ou processado num pilão e do caule extrair-se o palmito e o *itchó*, larva com propriedades medicinais). O ponto 11 registra *Ypamiri* (banhado próximo à antiga casa de Quirina Natalício) e mata a ser plantada para regenerar o ambiente, atualmente degradado. A sudoeste, dos pontos 13 a 14, os limites acompanham a rodovia RS 135, próximo a locais de antigas habitações e onde localizam-se as *Opy'rã* e *Tekoá'rã*, futuras casa de rezas e aldeia. E finalmente, dos pontos 15, 16 a 01, de oeste a noroeste, os limites circundam a habitação atual e antigos locais de sepultamentos, o *Yvykuá ymã*, o antigo cemitério onde estão sepultados, entre outros, os sogros de João Maria Mariano e o local de antiga habitação do antigo cacique Karai Natalício, referida no item B da Primeira Parte do Relatório, e indicado no Croqui pelo número 3.

Proc. nº 1150/67
Rubrica 1447
@

[assinatura]

A sustentabilidade desta área está condicionada ao trabalho de recuperação ambiental. A comunidade indígena tem clareza disso e vem pondo em prática o projeto de ocupação idealizado pelos velhos desde antes de seu retorno à área. Os idealizadores do referido projeto são os antigos moradores, que buscam transmitir aos jovens a memória e o conhecimento sobre a configuração ambiental original para orientar as estratégias de recuperação dos recursos naturais degradados. Trago um fragmento da fala do cacique citada no capítulo I, para reforçar a compreensão do projeto indígena de recuperação ambiental da TI:

“O que a gente mais tem pensado, desde que começou a pensar no que os velhos falaram, de voltar para essa terra, é a possibilidade de voltar a mata, de voltar os animais. Eu acho importante explicar isso, porque muitas vezes os brancos dizem: ‘Os índios são muito vagabundos, eles querem a terra só pra deixar ali, nem plantam, não fazem o que nós estamos fazendo, deixam virar mato e não sei mas o que’. Isso não tem nada a ver. Quando se fala índio é a natureza mesmo! Então, nós com certeza não vamos plantar os 100% que os brancos tão plantando aí. Porque objetivo nosso mesmo é fazer voltar o que era antes, fazer voltar o *kaaguĩ* (a mata), fazer voltar *mbyakueryĩ*, o *nhanderekó* (o jeito Guarani de viver), isso é importante pra nós, pra mostrar pras crianças que tão crescendo hoje. Então eu falo muitas vezes pra comunidade que o futuro, o futuro é pensar nas crianças. Nós vamos conseguir essa terra não é pra mim, é pros meus filhos, pros meus filhos viverem, pros meus filhos não sofrerem, não passarem por essa dificuldade que eu tô passando hoje. A gente tem pensado muito nisso. A água também é preocupação para nós. Que aqui dentro da área tem água, mas só que o problema é o veneno mesmo. Então quando a gente tiver dentro dessa terra, a gente vai proteger essa água que tem. O objetivo nosso não é entrar aí e destruir mais. O objetivo nosso é entrar e fazer voltar como era, e proteger a água, conseguir voltar o *kaaguĩ*, conseguir voltar os animais. Isso que eu queria que vocês falassem aí nesse documento”.

(Joel Pereira, cacique de Mato Preto, agosto de 2004).

“A gente quer fazer a terra voltar a ser como era no tempo dos velhos. Eles andavam por tudo aqui, porque não tinha nenhuma fazenda dos brancos. Andavam tudo, fazer pescaria, pescar... Fazer armadilha, *mundéu*. (...) A gente já

130
Proc. nº 1150107
Fls. 1449
R. 11/11/07
E

conversou muito com ele [João Maria] sobre onde que eles andavam. Até a esposa dele, que faleceu lá em Cacique Doble [Alicia Natalicio], também contava, naquele tempo, eles se conheceram aqui. (...) Então, como ele conhece bem aqui, por isso a gente fez o mapa junto com ele”.

(Siberiano Moreira, vice-cacique, Mato Preto, agosto de 2004).

As limitações atuais para o estabelecimento de suas roças é uma das preocupações mais urgentes da comunidade indígena, pois sua subsistência provinha quase que exclusivamente da agricultura na aldeia de Cacique Doble:

“Lá [em Cacique Doble], nós plantava arroz, feijão, milho, de tudo um pouco. Agora aqui a gente sente dificuldade, porque todo ano a gente sempre planta as coisinhas pros nossos filhos... e esse ano a gente tá passando dificuldade. A gente pensa: onde é que vai plantar? E as crianças também querem comer milho verde, querem ver o milho crescendo. E a gente diz: ‘Vamos esperar em Deus que façam demarcação pra gente!’ Até esse ano nós tava discutindo, pra ver se consegue no menos um pedaço pra nós conseguir plantar até que saísse essa terra. Pra nós consolar os nossos filhos também. Porque eles tão vendo que a gente não tá plantando, mas não é isso, né. Então a gente explica pra eles. Mas isso tudo a gente tá passando dificuldade!”

(Ernesto Pereira, liderança espiritual, Mato Preto, agosto de 2004).

“E se fosse pela vontade nossa, a gente já tava plantando. Já tava plantando! As crianças mesmo dizem: ‘Nós queremos que vocês plantem milho, plantem feijão, plantem amendoim, plantem batata pra nós comer! Pra nós ver!’ Que até a criancadinha, quando o milho cresce, elas começam a sentir alegria. Então hoje a gente ta aqui, não tem onde plantar, e estamos sentindo dificuldade! As próprias criancinhas tão vendo isso! Então a gente vai falando que nós temos nosso plano, que nós queremos plantar. Mas só que eles também querem ver! Então tudo isso passa pela cabeça das crianças! E eu penso junto com o nosso *tcheramoi* [avô, liderança religiosa. Refere-se a Ernesto] ali, nosso *karai*, para ver como é que nós vamos fazer”.

(Siberiano Moreira, vice-cacique, Mato Preto, agosto de 2004).

JS

O projeto de ocupação prevê o estabelecimento da futura aldeia próxima a uma área de mata, onde a comunidade indígena iniciará o reflorestamento da TI. A escolha daquele local deu-se segundo a indicação do velho João Maria, que identificou o local como fundamental para a recuperação das águas do entorno. Foi considerada também a existência de um “capão” de mato, indicio de que o local lhes garantirá a sustentabilidade mínima, com água e recursos naturais considerados básicos. A partir daí, eles iniciarão o processo de reflorestamento e reimplante de espécimes vegetais e faunísticas.

D

SEXTA PARTE – LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO¹

132
Proc. n.º 1150/07
Fls. 1451
Rubrica

Como apontado no decorrer deste Relatório, os trabalhos de campo do Grupo Técnico da Funai foram sistematicamente obstaculizados pelos ocupantes não indígenas, que criaram situação de hostilidade violenta aos membros do GT. Já na primeira tentativa do Grupo Técnico realizar o levantamento fundiário, houve resistência por parte dos colonos que impediram os técnicos da Funai de ingressar nas respectivas ocupações, o que motivou a Funai a obter a autorização judicial para o ingresso e realização dos trabalhos do levantamento fundiário². Deferida a autorização judicial, nos autos da Ação Civil Pública n.º 2006.71.17.001628-1, o GT conseguiu realizar o levantamento fundiário completo (aplicação dos laudos socioeconômicos e de avaliação das benfeitorias) dentro de uma área de 600 ha, não contemplando, portanto, a totalidade das ocupações compreendidas na delimitação proposta pelo RCID.

Posteriormente, em audiência realizada na justiça federal, na data de 14 de outubro de 2008, nos autos da referida ação civil pública, ficou determinado que a Funai concluisse o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da TI Mato Preto, “*sem o levantamento fundiário de campo*”, de forma a evitar o acirramento dos conflitos fundiários na região da Terra Indígena Mato Preto, uma vez que a Funai teria que ingressar novamente em áreas particulares para realização do levantamento fundiário. Neste sentido, os dados relativos ao diagnóstico fundiário, e apresentado neste capítulo, foram obtidos através de pesquisas bibliográficas, documentais e cartoriais, ressalvada a área de 656 ha acima mencionada – a qual esta compreendida a área de 223 hectares da antiga Floresta Mato Preto, titulado ilegalmente pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Diante de tais fatos, cumpre ressaltar que eventuais discrepâncias e imprecisões dos dados fundiários, mormente no que diz respeito às informações compiladas na relação dos ocupantes não-indígenas, devem-se a este quadro de resistência dos próprios colonos que criaram diversos empecilhos aos trabalhos de identificação e delimitação da

¹ O levantamento fundiário preliminar na Terra Indígena Mato Preto foi realizado entre os meses de fevereiro e abril de 2007 pelo Grupo Técnico instituído pela Portaria n.º 79/PRES, de 06 de fevereiro de 2007. Posteriormente este diagnóstico fundiário foi complementado pelos trabalhos do grupo técnico criado através da Portaria n.º 991/PRES, de 16 de outubro de 2007.

² Inúmeras são as provas da resistência dos colonos aos trabalhos de campo da Funai, como pode ser verificada pelo Memo n.º 063/GAB –AER/Passo Fundo, de 16.02.09, Ofício n.º 06/CGID, de 01 de março de 2007, Ofício n.º 002/GT 79/Pres/07, de 02 de março de 2007, Despacho do Juiz Luiz Carlo Cervi, de 10 de abril de 2007, nos autos da referida ACP, Decisão do Des. Fed. Edgard Lippmann Jr, de 14 de agosto de 2008, no agravo de instrumento n.º 2008.04.00.029844-9, dentre outros.

[Assinatura]

Terra Indígena Mato Preto, prejudicando a consistência e a precisão dos dados relativos ao levantamento fundiário preliminar.

Ademais, há que se registrar que, nos termos da Portaria MJ n.º 14/96, não há obrigatoriedade da Funai apresentar no RCID um quadro completo e exaustivo dos ocupantes e ocupações não-indígenas inseridas nos limites da Terra Indígena Mato Preto. Por seu turno, o Decreto n.º 1775/96 prevê a obrigatoriedade da publicação do resumo do RCID (o qual contém mapa da delimitação da terra indígena) no Diário Oficial da União e do Estado do Rio Grande do Sul, bem como sua afixação na sede das prefeituras de Erebango, Erechim e Getulio Vargas. Assim sendo, a publicidade do resumo do relatório nas esferas competentes dos entes federativos (União, Estado e Municípios), com o respectivo mapa de delimitação da Terra Indígena Mato Preto, garantirá que todos os particulares e interessados tenham ciência dos limites da terra indígena, e das ocupações inseridas nos seus limites, com vistas a exercerem o direito ao contraditório e ampla defesa. Portanto, eventual imprecisão dos dados do levantamento fundiário, cuja razão deve ser imputada à resistência dos próprios colonos, não poderá ser argüida como afronta ao exercício do direito ao contraditório e ampla defesa, nem a infringir vícios ao procedimento administrativo de identificação e delimitação da Terra Indígena Mato Preto.

a) Identificação e censo de eventuais ocupantes não índios

A área da TI Mato Preto está ocupada em quase sua totalidade por população não-indígena, com exceção apenas dos trechos de domínio público às margens da rodovia RS135 e da linha férrea da RFFSA, onde instalaram-se as famílias Guarani. A ocupação não-indígena caracteriza-se por pequenas propriedades, a maioria delas utilizadas para agricultura, com plantações extensivas de soja e trigo, além de plantio de culturas sazonais de entressafra, o que é típico desta região do Rio Grande do Sul. O perfil sócio-cultural dos habitantes não indígenas é de pequenos agricultores, que produzem soja e trigo, produção comercializada através de cooperativas de agricultores. Identificam-se como descendentes de “colonos”, imigrantes italianos, poloneses e alemães, característica comum à maioria da população dos municípios de Getúlio Vargas e Erebango. Esta população descendente de imigrantes é chamada de

134
Proc. nº 1150107
Fls. 1453
Regionalmente de "colonos", referência ao pertencimento às ocupações promovidas pelo governo estadual chamadas de "Colônias".

Nos limites da TI Mato Preto encontram-se 385 lotes e cerca de 300 proprietários particulares. Dados censitários da ocupação não indígena não estão aqui apresentados devido à situação conflituosa já referida nos capítulos anteriores. Devido à resistência à colaboração por parte dos ocupantes não indígenas, dados sobre a população não indígena e suas ocupações foram obtidas a partir de informações cartoriais e bibliográficas.

b) Descrição das áreas ocupadas por não índios

As áreas ocupadas pelos não índios são propriedades rurais de pequeno porte, conforme verificado nos levantamentos preliminares. Estão voltadas quase que exclusivamente à produção agrícola intensiva, prioritariamente para monoculturas de soja e trigo.

As formas de uso e ocupação destas terras pelos seus ocupantes não indígenas têm trazido sérios problemas ambientais à região. Verifica-se um desmatamento maciço de toda a extensão da área e a utilização de técnicas ilegais de drenagem de banhados e destruição da mata ciliar, o que caracteriza crime ambiental (notificado ao IBAMA pelo GT).

Esta forma de gestão ambiental utilizada pela população não-indígena compromete a preservação da flora e da fauna local, trazendo conseqüências diretas à qualidade da água, da biodiversidade, da fertilidade da terra, entre outras conseqüências deletérias.

As dimensões destes danos atingem toda a região dos municípios vizinhos. Em Getúlio Vargas, por exemplo, que obtém parte da água que provem seu abastecimento das nascentes localizadas dentro da área da TI, as conseqüências da intensa degradação ambiental já se faz sentir: O município vem apresentando problemas de abastecimento de água, o que deve agravar-se nos próximos anos, caso não haja reversão nas práticas agrícolas e de degradação das nascentes e matas ciliares.

Os danos causados pelos desmatamentos, o uso de agrotóxicos, a contínua mecanização como técnica de preparo para plantio, as sucessivas lavouras viabilizadas pelos insumos agrícolas etc., atingem sérias proporções.

D

Fr. 135
Fls. 1150/107
Rubrica 1454

A TI Mato Preto apresenta algumas nascentes da Micro-Bacia Rio Toldo e da Micro-bacia Abaúna, que estão gravemente ameaçadas devido às práticas deletérias promovidas pela ocupação não indígena atual. A seguir, algumas imagens de drenagem e desmatamento das nascentes dos principais rios da TI:



Drenagem



Desmatamento, drenagem e contenção

Micro-Bacia Abaúna - Arroio Castilhos – TI Mato Preto



Área de antiga cabeceira, cultivada com trigo



Cabeceira desmatada

D

A seguir são enumerados os principais problemas ambientais causados pela ocupação não-indígena da área em questão³:

Proc. nº

ds. pela

Rubrica

1150/07
1455
Q

- I - Desmatamento de cabeceiras e nascentes associado ao comprometimento físico, químico e biológico dos recursos hídricos locais;
- II - Drenagem das águas superficiais associada à redução do volume hídrico, lixiviação e empobrecimento dos solos e erosão;
- III - Desmatamento de matas de galeria associado à exposição das águas superficiais a agentes agressivos e à redução dos índices de conectividade entre as unidades de paisagem;
- IV - Desmatamento das florestas nativas associado à redução e comprometimento estrutural dos habitats e da área de vida das espécies da fauna silvestre;
- V - Fragmentação das unidades de paisagem, com desconstituição de corredores biológicos, ampliando o isolamento e reduzindo o fluxo gênico entre as manchas (redução de conectividade);
- VI - Contaminação dos solos e águas com resíduos de agrotóxicos utilizados nas lavouras;
- VII - Desgaste dos solos e lixiviação de nutrientes;
- VIII - Caça predatória e aprisionamento de animais silvestres para comercialização⁴;
- IX - Exploração irregular de produtos do extrativismo da *Araucaria angustifolia* e de outras essências nativas protegidas pela Resolução CONAMA 278/2001;
- X - A expansão de empreendimentos e obras de impacto ambiental em toda a região, destacando-se barragens e hidrelétricas. Além da área em litígio estar na área de influência de alguns destes empreendimentos⁵, ocorre a existência de antenas de recepção de ondas celulares e redes de alta tensão em sua abrangência;
- XI - Como decorrência geral, redução da diversidade florística e faunística ou mesmo extinção local de algumas espécies.

³ Extraído do Relatório Ambiental Circunstanciado de identificação e delimitação da TI Mato Preto, de autoria de Ana Elisa Castro Freitas.

⁴ Em conversa com moradores da cidade vizinha de Getulio Vargas, a ambientalista constatou que é possível obter exemplares de caturrita (*Myopsitta monachus*), ave ameaçada de extinção, que é apreendida e comercializada pelos não-indígenas da região. Depoimento dos Kaingang da TI Ventarra confirmam que os não índios praticam a caça e aprisionamento ilegal da fauna na região com relativa frequência.

⁵ Como já referido, a TI Mato Preto está na área de influência da UHE Machadinho (SANTOS, 1998).

S

c) Informações sobre a natureza destas ocupações (com identificação dos títulos de posse e/ou domínio eventualmente existentes, extensão e data dessas ocupações e descrição das benfeitorias realizadas)

As informações preliminares sobre a natureza das ocupações não indígenas foram obtidas através das informações sobre escrituras dos lotes, pesquisas documentais e bibliográficas, e algumas raras entrevistas obtidas pela equipe com algumas pessoas idosas não indígenas que recordam da presença indígena nestas terras em décadas passadas (que preferiram não ser identificar devido às pressões dos regionais em coibir a participação de não indígenas no processo de reconhecimento histórico da presença indígena).

Como vimos no decorrer do texto, o Estado do Rio Grande do Sul promoveu grande parte das titulações sobre as terras Guarani no final dos anos 30, havendo algumas escrituras mais antigas, pertencentes a descendentes de poloneses, que registram o início da colonização, datando do final do século XIX e início do século XX (período do início do projeto de implantação da “Colônia Erechim”).

A partir da década de 1930, o governo do Estado do Rio Grande Sul transferiu várias famílias indígenas Guarani e Kaingang compulsoriamente, de maneira violenta, fazendo uso de tropas militares e armas, confinando-as em Nonoai. Concomitantemente titulou e transferiu a posse dos lotes nas proximidades da Floresta Mato Preto e da chamada “2a. Secção Erechim”, quando as titulações se deram a partir do início dos anos 40. Este processo acirra-se no período do Pós II Guerra e os últimos títulos foram expedidos na segunda metade da década de 1960, quando a ocupação não indígena da região encontrava-se estabelecida e as florestas de araucária eram alvo das madeireiras. Com datas mais recentes, encontramos as negociações ocorridas *a posteriori*, indicando um processo paulatino de transferência destes lotes, por um lado, e de restrição efetiva ao uso indígena, por outro.

A seguir, dados dos lotes das ocupações não indígenas:

Relação de Ocupantes não - Índios da Terra Indígena Mato Preto							
Nº de ord.	Nome do ocupante	Matrícula	Lote	Área (ha)	Localização	Município	
005	Luiz Hilário Ronsoni	2.194	P 54	11,8	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
006	Francisco Kamanski	2.294	P 65	6,25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
007	Coradino Ronsoni	2.682	53	25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
	Segundo Ronsoni						
008	Alcir Kososki	2.890	67	10,32	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
009	Eloi Pessoa	3.046/2	P 48	1,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
010	Rosa Tabczinski	3.046	P 48	11,29	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
011	Valdir Luiz Tabczinski	3.046	P 48	1,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
012	Claudio Tabczinski	3.046	P 48	1,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
013	Elio Tabczinski	3.046	P 48	1,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
014	Eloisa Tabczinski	3.046	P 48	1,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
015	Valmor Tabczinski	3.046	P 48	1,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
016	Maria Tabczinski	3.046	P 48	1,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
017	José Tabczinski	3.046	P 48	1,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
018	Jocimar José Otolakoski	3.189/2	60	25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
019	Evandro Luiz Talgatti	3.608/3	P 81	4	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
020	Altivo Kuiawinski	3.608/2	P 81	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
021	Valmor Martins Kuiawinski	3.608/2	P 81	8,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
022	Claudia Salete Paliga	4.189/2	P 72	11,33	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
023	Joel Fernando Paliga	4.189/2	P 72	4,55	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
024	Carine Fatima Paliga	4.189/2	P 72	4,55	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
025	Leticia Raquel Paliga	4.189/2	P 72	4,55	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
026	Estanislau Paliga	4.190	73	25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
027	Paulo Édio Kozak	4.454	P 68	4,58	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
028	Paulo Rogerio Anzolin	9.083	P 80	14,7	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	
029	Maximo Anzolin	4.706/3	P 64	7,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas	

Proc. nº 1150/07
Fis. 1457
Rubrica

22

030	Gilberto Antonio Morandini e Alcir Paulo Morandini				5.736	P 67	13,12	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
031	Olimpio Antonio Otolakoski	Hélio Otolakoski Gabriel Otolakoski			5.537	P 48	2,42	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
032	José Jorge Zembruski				5.751	P 50	5,62	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
033	Valeriano Niedziatowski				5.751	P 50	5,62	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
034	Celso Chiarello				6.352	P 58	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
035	Artemisio Dassi				7.135	P 59	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
036	Ana Savacinski				8.260	P 75	6,25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
037	Regina Savacinski				8.260	P 75	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
038	Anete Josefa Savacinski				8.260	P 75	6,25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
039	Gilmar José Bierende				8.606	P 65	15,78	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
040	Gabriel Zembruski				8.957	P 80	12,69	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
					8.958	P 78	12,5		
					8.959	P 58	14,25		
041	Município de Getulio Vargas				9.083/2	P 80	0,025	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
042	José Prichua				9.261/5	P 55	15,32	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
043	Claudia Prichua				9.261/5	P 55	7,66	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
044	Marta Prichua				9.261/5	P 55	5,33	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
045	Amadeu Tartas				9.373	P 58	3,55	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
046	Lauri Luis Baginski e Adriane Baginski				9.938	P 61	6,25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
047	Hélio Otolakoski				10.968	P 54	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
					12.222	76	2,43	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
					13.888	74	25,62	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
048	Adélio Luis Kozak				10.970	P 70	11,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
049	Rogério José Kozak				10.971	P 70	11,61	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
050	Olga Fracaro				11.005	P 49	25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
051	Antonio Malinski				11.102	P 58	8,95	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
052	Waldir Langoski				11.240	P 52	3	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
053	Casemiro Baginski				12.856	P 61	18,75	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
054	estanislau kamanski				14.134	77	25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas

2

MS0107
1458
2

118	Sirlei Teresinha Soligo	14.600/2	P 116	9,37	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
119	Irineu Kososki e Alcir Kososki	14.659/4	122	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
120	Luis Carlos Zacharczuk	15.370	P 128	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
121	Irineu Kososki	15.371/4	P 128	5,54	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
122	Irineu Kososki	15.371/3	P 128	4,08	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
123	Michele Becker	15.371/3	P 128	5,54	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
124	Gilberto Bierende e Flavio Andre Bierende	15.372/2	P 128	9,07	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
125	Aloize Gempka	15.573	88	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
126	Vicente Vitali	15.716	P 104	10,45	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
127	Thereza Talgatti	15.759	130	32,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
128	Vitorio Talgatti	16.175	129	34	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
129	Ermendes Antonio Talgatti e Alessandro Talgatti	16.598	P 124	8,66	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
130	Irineu Kososki	16.686	P 126	7	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
131	Alcir Kososki	16.686	P 126	7	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
132	Gilberto Bierende	16.848	123	31,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
133	Gilberto Bierende e Flávio Andre Bierende	16.941	P 127	24,2	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
134	Sergio Braciak	17.242	P 113	9,44	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
135	Ademir Luis Zembruski	18.554	P 100	15	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
136	Gilberto Bierende e Flavio Andre Bierende	39	P 137	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
137	Sergio Luis Cella	2.062/3	P 139/140/141	12,98	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
138	Nelso Costella	3.657	P 139	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
139	Nelso Costella	3.658	P 140	1,81	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
140	Nelso Costella	3.659	P 138	12,1	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
225	Zelindo Luiz Reginato	5.661	P 134	8,82	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
226	Adeolindo Reginato	5.661	P 134	1,76	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
227	Celso Ermani Reginato	5.661	P 134	3,53	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
228	Elenice Maria Reginato	5.661	P 134	3,53	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
229	Eneides Fatima Reginato	5.661	P 134	3,53	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
231	Setembrino Jose Talgatti	6.199	P 136	13,12	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
232	Mitra Diocesana de Erechim	6.242	P 101	0,05	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
234	Gilberto Antonio Morandini e Alcir Paulo Morandini	7.053/2	P 140	5,82	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas

Proc. nº 1150/27
1459
F.S.
ca

2

055	Arteminio Antonio Kamanski	14.135	P82	14,25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
056	Marines Teresinha Kamanski Bortolassi	14.136	P82	8,25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
057	Luiz Carlos Zacharczuk	14.337/2	51	25	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
058	Nelson Jair Malinski	14.416	P52	9,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
059	Lauri Luis Baginski	14.641	P59	3,95	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
060	Ademir Luis Zembruski	15.127	P81	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
061	Gustavo Talgatti	15.367	P63	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
062	Lauro Luis Baginski	15.729	P59	8,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
063	Adélio Luis Kozak	16.857	P70	1,76	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
064	Antonio Kozak	16.857	P70	23,23	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
065	Nair Koslowski	17.574	P62	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
066	Geneci dos Santos Onofre	17.575	P62	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
067	Altair Luis Ronsoni	17.578	P62	10	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
068	Antonio Malinski	23.532	P52	12,5	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
070	Mario Artemio Bagiski	10.273	P 50	13,75	Linha 7-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
071	Flávio André Bierende	151/3	P120	30,55	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
072	Luiz Adelino Bierende	152	123 e 121	44	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
073	Italo Nazareno Marcon	153	P113	9,44	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
074	Mitra Diocesana de Erechim	690	P115	0,066	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
075	Italo Nazareno Marcon	690/3	P115	23,53	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
076	Adelino Lourenço Morandini	933	P124/125	26,75	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
077	Adelino Lourenço Morandini	934	P112/114	51,35	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
078	Pedro Girardi	1.511	P101	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
079	Alcides Alberto Giovaski	1.639	P97	2	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
080	Gilmar José Bierende	1.973/4	P119	27,75	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
081	Darcilo Reginatto/Paulo Reginatto/Nelson Reginatto	2.064	P104	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
082	Darcilo Reginatto/Paulo Reginatto/Nelson Reginatto	2.065	P105	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
083	Gilmar José Bierende	2.178/2	P118	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
084	Gilberto Antonio Morandini e Alcir Paulo Morandini	2.179	107	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
085	Martinho Vangoski	2.321/5	102	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
086	Casemiro Zembruski	2.346-2	P90	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas

1150/07
1960

2

087	Cristina Pollon Zembruski	2.346	P90	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
088	Diogo Kamanski e Deise Kamanski	2.710/3	P117	10,23	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
089	Alcir Kososki	2.891	P121	6,25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
090	Paulo Roberto Uriarte	2.997	P134	12,44	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
091	Reinhard Rodolfo Becker	3.090	132	26,87	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
092	Reinhard Rodolfo Becker	3.091	P131	22,34	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
093	Gilberto Antonio Morandini e Alcir Paulo Morandini	4.198	P124/125	6,68	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
094	Francisco Atílio Secchi	3.991	P124/125	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
095	Valdemar Kozoski	6.217	133	25,31	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
096	Gilberto Antonio Morandini e Alcir Paulo Morandini	6.394	P 108	5,47	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
097	Sabina Giovaski Soligo	6.394	P 108	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
098	Gilberto Antonio Morandini e Alcir Paulo Morandini	6.395/4	P 109	20	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
099	Marines Morandini e Marilene Morandini	7.480	P 118	12,43	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
100	Alcir Kososki	7.595/2	P 127	11	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
101	Maria Madalena Rogalski	8.185	P 92	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
102	Maria Madalena Rogalski	8.196	P 92	7,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
103	Sandro Carlos Vangoski	8.197/2	P 92	1,66	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
104	Marcos Antonio Vangoski	8.197	P 92	3,34	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
105	Alcides Alberto Giovaski	8.422	P 98	7,8	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
106	Maximino Duracenski	10.065/3	P 99	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
107	Mario Duracenski	10.065/3	P 66	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
108	Gilson Jose Soligo	10.210	P 109/110	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
109	Nilson Maximino Gempka	11.851	P 100	10	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
110	Sandro Carlos Vangoski	12.783/2	P 98	9,2	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
111	Alcir Kososki e Irineu Kososki	13.277	P 126	11	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
112	Alcir Kososki	13.353/3	P 116	6,25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
113	Gilberto Bierende e Flavio Andre Bierende	13.353/2	P 116	6,25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
114	Selvino Gempka	13.826	96	23,76	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
115	Onofre Knerek	13.982	P 124	22,09	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
116	Ermendes Antonio Talgatti e Alessandro Talgatti	13.982	P 124	8,66	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
117	Guilhermes Soligo Marmentine e Gisele S. Marmentino	14.600/3	P 116	9,37	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas

Proc. nº 11.501/07
1461
1150/07

28

118	Sirlei Teresinha Soligo	14.600/2	P 116	9,37	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
119	Irineu Kososki e Alcir Kososki	14.659/4	122	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
120	Luis Carlos Zacharczuk	15.370	P 128	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
121	Irineu Kososki	15.371/4	P 128	5,54	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
122	Irineu Kososki	15.371/3	P 128	4,08	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
123	Michele Becker	15.371/3	P 128	5,54	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
124	Gilberto Bierende e Flavio Andre Bierende	15.372/2	P 128	9,07	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
125	Aloize Gempka	15.573	88	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
126	Vicente Vitali	15.716	P 104	10,45	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
127	Thereza Talgatti	15.759	130	32,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
128	Vitorio Talgatti	16.175	129	34	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
129	Ermendes Antonio Talgatti e Alessandro Talgatti	16.598	P 124	8,66	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
130	Irineu Kososki	16.686	P 126	7	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
131	Alcir Kososki	16.686	P 126	7	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
132	Gilberto Bierende	16.848	123	31,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
133	Gilberto Bierende e Flávio Andre Bierende	16.941	P 127	24,2	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
134	Sergio Braciak	17.242	P 113	9,44	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
135	Ademir Luis Zembruski	18.554	P 100	15	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
136	Gilberto Bierende e Flavio Andre Bierende	39	P 137	12,5	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
137	Sergio Luis Cella	2.062/3	P 139/140/141	12,98	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
138	Nelso Costella	3.657	P 139	25	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
139	Nelso Costella	3.658	P 140	1,81	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
140	Nelso Costella	3.659	P 138	12,1	Linha 6-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
225	Zelindo Luiz Reginato	5.661	P 134	8,82	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
226	Adeolindo Reginato	5.661	P 134	1,76	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
227	Celso Ermani Reginato	5.661	P 134	3,53	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
228	Elenice Maria Reginato	5.661	P 134	3,53	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
229	Eneides Fatima Reginato	5.661	P 134	3,53	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
231	Setembrino Jose Talgatti	6.199	P 136	13,12	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
232	Mitra Diocesana de Erechim	6.242	P 101	0,05	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
234	Gilberto Antonio Morandini e Alcir Paulo Morandini	7.053/2	P 140	5,82	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas

1150/07
19/07
62

28

235	Gilberto Antonio Morandini e Alcir Paulo Morandini	7.054	P 140	17,47	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
236	Maurício Soligo	8.511	P 105	25	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
237	Paulo Roberto Dutkiewicz	9.618	P 111	12,5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
238	Eufrasina Kasmieroski Braciak	9.782/2	P 124	13,84	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
239	Nedio Braciak e Nelio Braciak	9.782/2	P 124	12,03	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
243	Luciano Dassi	10.921	P 137	32,9	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
244	Antonio Tabaczinski e Antonio Klinkoski	12.243	P 116	12,5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
245	Balbina Zarychta	13.135	Metade 112	12,5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
246	Selmo João Chiarello	13.159	P 97	13,97	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
247	Daniel Chiarello	13.351	Metade 98	12,5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
248	Nilson Chiarello	13.352	Metade 100	7,12	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
249	Adilson Chiarello	13.352	Metade 100	2,06	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
250	Jaime Chiarello	13.352	Metade 100	2,06	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
251	Altair Chiarello	13.725	Metade 102	12,68	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
252	Nelson Sebastião Dassi	14.904	P 127	6,25	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
253	Gilmar Soligo, Osvaldo Soligo e Ariovaldo Soligo	15.481	Metade 112	12,5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
254	Carlos João Klinkoski e Gilberto João Klinkoski	15.650	126	27	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
255	Domingos Givacheski	15.769	129	25	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
256	Adelar José Dassi	16.069	P 125	10	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
257	Maria Libera Falkoski	16.252	121	25	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
258	Darcilio Reginato e Jair Reginato	17.227	P 125	5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
260	Nedio Antonio Soligo	17.506	P 110	15	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
261	Claudir Luis Klinkoski	17.655	P 116	6,25	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
262	Nedio Antonio Soligo	17.965	P 110	10	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
263	Claudir Luis Klinkoski	12.962	P 124	6,02	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
264	Delmar João Dassi	13.386	P 125	5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
265	Jose Luiz Farinon	14.438	P 132/134/155/157	6,94	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
266	Carlos José Klinkoski	14.905/3	P 127	3,12	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
267	Luci de Fatima Kempka	14.905/2	P 127	3,12	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
268	Nedio Antonio Soligo e Gilmar Soligo	15.479	P 113	5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
269	Nedio Antonio Soligo	15.480	Metade 115	12,5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas

Proc. nº 1150/07
1463
Fls. 2

28

270	Olga Klinkoski	15.812	122	5,13	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
271	Clari José Klinkoski	15.812/2	122	10,52	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
272	Claudir Luis Klinkoski	15.812/2	122	10,52	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
273	Ilva Teresinha Gonçalves Jahn	18.277/3	P 125	0,3	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
274	Irma Gonçalves Datsch	18.277/2	P 125	0,3	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
275	Ivonei Paulo Gonçalves	18.277/2	P 125	0,3	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
276	Americo Jair Gonçalves	18.277/2	P 125	0,3	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
277	Adelir Francisco Gonçalves	18.277/2	P 125	0,3	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
278	Teresinha Dilva Gonçalves	18.277/2	P 125	1,5	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
279	Antonio Gonçalves	18.277	P 125	2	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
280	Banco do Estado do Rio Grande do Sul	12.244/2	P 116	6,25	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
281	Clari José Klinkoski	12.244	P 116	6,25	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
282	Constante João Klinkoski	18.870/2	P 120	13,2	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
283	Elisete Maria Tabaczinski	18.870/2	P 120	2,64	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
284	Elisete Maria Tabaczinski	14.871/2	P 118	1,04	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
285	Constante João Klinkoski	14.871/2	P 118	5,2	Linha 5-Secção Castilhos	Getúlio Vargas
286	Denilso Jose Secchi	1.056	7	22,68	Secção Castilhos	Getúlio Vargas
287	Antonio Rigo e Arthur Rigo	114	52	6,91	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
288	Ana Prichua Norkoski	505	P 23	17,46	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
289	Floriano Norkosko	506	18	17,59	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
290	Antonio Rigo e Arthur Rigo	589	52 A	14,85	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
291	Antonio Rigo e Arthur Rigo	786/4	P 51	19,25	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
292	Amauri Alberto Zorzan	1.421	P 46	16,41	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
293	Teofilo Norkoski	1.175	P 29	16,94	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
294	Ernesto Tomaz Tonial e Marjiana Tonial	1.288/3	P 15/16	10,59	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
295	Leri Tonial	1.288/2	P 15/16	11,05	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
296	Ana Regina de Oliveira	1.288/2	P 15/16	11,05	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
297	Jair Menegon	1.892	P 48	6,82	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
298	Reinaldo Menegon e Jair Menegon	1.892	P 48	6,82	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
299	Andria Eliseu Pollon	2.627	P 08	14,51	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas
301	Estacia Pollon	3.272/5	P 13	12,6	Secção Mato Preto	Getúlio Vargas

1150/07
1464

9

302	Darci Hubler	3.356	P 44	5,62	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
303	Estevo Niedzaikowski	3.356	P 44	5,62	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
308	Vanderlei Antonio Ostroski	3.683	P 43 A	10	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
309	Madalena Ostroski	3.685	P 43	10,6	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
310	Jair Menegon	3.900	48 A	13,64	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
311	Antonio Rigo e Arthur Rigo	4.687	53	18,82	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
312	Antonio Rigo e Arthur Rigo	4.688	49 A e 50 A	21,81	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
313	Ernesto Tomaz Tonal e Mariana Tonal	5.238/4	P 24	22,81	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
314	Mitra Diocesana de Erechim	5.287	P 13	0,47	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
315	Antonio Rigo e Arthur Rigo	5.312	P 50	11,18	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
316	Estado do Rio Grande do Sul	5.694	P 13	0,36	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
317	Arlindo Jose Schliski	7.130/2	P 44 A	11,45	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
318	Jair Menegon	7.614	P 47	6	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
320	Nelson Albino Gempka	9.209	P 27	5	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
321	Jair Menegon	10.263	P 47	8,93	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
322	Waldir Langoski	10.274	9	17,8	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
323	Severino Antonio Gempka	11.545/2	P 26/26A	12,8	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
324	Amadio Natal Noskoski	11.546	P 26/26A	6,04	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
325	Lauro Luis Zliewiezikoski	13.508	P 45 A	9,16	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
326	Wadislau Ziviezikoski e Alexandre Zliewiezikoski	13.509	P 49	9,35	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
327	Juliane Paula Zliewiezikoski	13.515	P 45 A	4,84	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
328	Lauro Luis Zliewiezikoski	13.516	P 45	6,41	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
329	Arlindo Sanzonowicz	13.867	P 19	6,66	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
330	Otávio Moacir Sanzonowicz	13.867	P 19	6,66	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
331	José Sanzonowicz	13.870	17	24,13	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
332	Vanderlei Jose Noskoski	14.197	P 22	7,26	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
333	Severino Antonio Gempka	15.501	P 26/26A	2,5	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
334	Vanderlei Jose Noskoski	14.500	P 26/26A	3,19	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
335	Vitória Otelakoski	14.836	10	18,36	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
336	Luis Carlos Zacharczuk	15.191	P 12	15,8	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas
337	Antonio Gayeski	16.120/2	21	9,03	Seccão Mato Preto	Getúlio Vargas

Proc. nº 1150/07
Fls. 1465
Rubrica

22

338	Valdecir Jevinski	16.120/2	21	9,03	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
339	Amandio Natal Noskoski	16.250	25	23,36	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
340	Luis Carlos Zacharczuk	16.354	P 11	7,03	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
341	Nelson Polon	16.358	P 11	12,03	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
342	Casemiro Baginski	16.560	P 15/16	23,56	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
343	Nelson Albino Gempka e José Jorge Zembruski	16.576	P 27	9,16	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
344	Nelson Albino Gempka e José Jorge Zembruski	16.577	P 27	9,16	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
345	Emesto Tomaz Tonial e Marjana Tonial	17.050/2	20	16,19	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
346	Amadio Natal Noskoski	17.254	P 22	6,24	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
347	Ursula Noskoski Niedziatowski	17.254	P 22	0,89	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
348	Floriano Noskosko	17.254/2	P 22	0,89	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
349	Elói Ricardo Niedziatovski	17.254/2	P 22	0,89	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
350	José Haskoski	18.574	16	19,61	Seção Mato Preto	Getúlio Vargas
351	Gilda Baptista Dufloth	157/2	P 21/23	7,5	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
354	Hoppen, Petry e Cia Ltda	1.392	39	25,19	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
353	Antonio Rigo e Arthur Rigo	2.205	28	25	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
354	Antonio Rigo e Arthur Rigo	2.206	Metade 26	12,5	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
355	Sadir Sielski	3.109	Metade 23	2,5	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
356	Erzelino Zottis	3.109	Metade 23	10	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
357	Albino Juvenski	3.473	P 12	17,5	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
358	Marlei Fátima Sielski	4.222/2	P 21/23	1,21	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
359	Vasco Francisco Petrikoski	4.757	P 27	22,88	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
360	Olivio Valdir Sansonoviz	7.979	P 12	8,75	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
361	Teofilo Noskoski	7.099	P 12	16,61	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
362	Olindo Sielski, Helio Sielski e Dardi Sielski	8.324	P 18/20/21/23	5,6	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
363	Jacir Kosloski e Jose Kosloski	8.376/3	P 33/35	20,36	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
365	Agropecuária Matelandia Ltda	4.299	P 37	6,04	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
366	Arquimedes Vasco Petrikoski	4.756/3	P 25	12,44	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
367	Armeli Rosa Petrikoski	4.756/2	P 25	10,44	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
368	Gema Zanuello	5.738/2	P 36	15,47	Linha 2-Secção Erebang	Erebang
369	Mario Rogalski	6.803	P 30	12,5	Linha 2-Secção Erebang	Erebang

Proc. nº 1150/07
Fls. 1466
Rubrica

2

371	Ignez Maria Rogalski	8.979	32	25	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
372	Darci Sielski	10.055	P 18/20/21/23	15	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
373	Sadir Sielski e Helio Sielski	10.056	P 18/20/21/23	17,83	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
374	Darci Sielski	10.057	P 18/20/21/23	3,75	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
375	Jair Antonio Garstka	11.828	P 26	6,25	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
376	Cecilia Garstka	11.828	P 26	6,25	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
377	Alexandre Pocoieski	12.033	P 29/31	23,24	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
378	Alexandre Pocoieski	12.034	P 34	23,7	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
379	Município de Erebangô	12.160	P 23	0,17	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
380	Sadir Sielski e Helio Sielski	13.178	P 21/23	2,36	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
381	Município de Erebangô	13.178	P 21/23	0,17	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
382	Ervinô Pedro Maskoski	15.938	P 22	5,25	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
383	Adelar Antonio Rogalski	16.400	P 30	6,25	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
384	Amely Rosa Petrikoski	16.401	P 30	6,25	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
385	Olindo Sielski, Helio Sielski, Darci Sielski, Sadir Sielski	16.896	P 19	12,5	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
386	Marcia Schelski Gempka	17.853	P 22	5	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
387	Loreci Teresinha de Mello	17.854	P 22	3,75	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
388	Evaldo Schelski	17.855	P 22	11	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
389	Vitorio Sansanovicz	14.522	Metade 11	13,76	Linha 2-Secção Erebangô	Erebangô
390	Erzelino Zottis	4.951	P 18,20,21 e 23	7,5	Linha 1,2-Secção Erebangô	Erebangô
391	Avelino Rogalski	7.788	P 13	9,17	Linha 3-Secção Erebangô	Erebangô
392	Departamento Autonomo de Estradas do RS	21.291	P 29/31	1,68	Linha 2-Secção Erechim	Erebangô
393	Flavio Bressiani	101	P 85	18,75	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
394	Nildo Luis Chiarello	1.480/3	P 93	12,5	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
395	Nildo Luis Chiarello	1.481/4	97 e 99	6,46	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
396	Sandro Chiarello	1.481/3	97 e 99	6,46	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
397	Carino Chiarello	1.481/3	97 e 99	12,93	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
398	Paulo Felipon	2.024	P 76	4,43	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
399	Paulo Felipon	2.025	P 80	12,5	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
400	Marina da Campo	2.275/3	P 74/72	13,95	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
401	Gilberto Antonio Krassuski	2.646/3	P 80	12,5	Linha 5-Secção Erechim	Erechim

Proc. nº 1150/07
Fls. 1467
Rubrica

402	Selita Terezinha Betto	2.873	P 72	2,9	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
403	Casemiro Jose Duracenski	3.165	P 94	10,5	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
404	Mario Duracenski	3.165	P 94	2,62	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
405	Maximino Francisco Duracenski	3.165	P 94	2,62	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
406	Melania Catarina Duracenski	3.165	P 94	2,62	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
407	Albino Duracenski	3.165	P 94	2,62	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
408	Município de Getulio Vargas	3.637/2	P 70	0,24	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
409	Gisele Teresinha Bordin Peruzzolo	5.209/2	P 76/78	6,51	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
410	Nelso Jose Betto	6.491	P 71	12,5	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
411	Nelson Chiarello	6.513	P 90	15,42	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
412	Jose Carlos Corbelini	6.981/4	P 70	1,75	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
413	Helio Polon	6.981/3	P 70	3,05	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
414	Dorval Florencio	6.983/2	P 96	24	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
417	Ariovaldo Adolfo Barfknecht	7.190	P 71	5,98	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
418	Rosmari Fatima Betto e Rudinei Betto	7.191	P 71	6,51	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
419	Bernardo Krumm	7.450	P 84	25	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
420	Herminia Fontana	7.840	P 74	16,66	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
421	Deonir Bressan	9.611	P 91	7,2	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
422	Francisco Urbanski	9.626	P 72/76/78	7,18	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
423	Francisco Urbanski	9.627	P 76/78	4,9	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
425	Olimpio Antonio Otolakoski	10.983	P 76/78	8,77	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
426	Rosalina Klosinski	11.044/3	P 83	5,45	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
427	Terezinha Bertt	11.044/2	P 83	0,56	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
428	Reinaldo Gallina	11.045	P 83	3,23	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
429	Terezinha Bertt	11.046	P 83	3,23	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
430	Sadi Jose Debarba	11.053	91	7,02	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
431	Valerio da Campo	12.133	P 76	1,09	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
433	Clair Paulo Betto e Valdir Domingos Betto	12.851/2	P 72	9,18	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
434	Olivo Jose Zembruski	13.020/2	P 83	6,25	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
435	Oswaldo Luiz de Goes	13.021	P 83	6,25	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
436	Natalino Krasuski	13.134	P 70	12,5	Linha 5-Secção Erechim	Erechim

Proc. nº 1150/07
1468
P

2

Subtrica

437	Dirceu Albino Karpinski	13.174/2	P 70	3,21	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
438	Marina da Campo	14.629	P 72/74	4,79	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
439	Joel Andre Chiarello	14.930	P 88	25	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
440	Antonio Malinski	16.068/2	P 81	16	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
441	Valdir Domingos Betto e Clair Paulo Betto	16.677/2	P 72	8,69	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
442	João Dias Artigas	16.856	P 78	9,78	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
443	Ludovico Glowacki	17.220	P 70/76/79	30,64	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
444	Frederico Wustro	18.442	P 79	1,77	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
445	Henriqueta Tereza Wustro e Arnaldo Wustro	20.954	P 79/78/70/76	38,48	Linha 5-Secção Erechim	Erechim
448	Izidoro Sansanovicz	16.364	46	26,1	Linha 7-Secção Erechim	Erechim
449	Airton Polon	17.130	P 42	4	Linha 7-Secção Erechim	Erechim
450	Antonina Bagiski	10.822	P 44	16,87	Linha 7-Secção Erechim	Erechim
451	João Valença	2.020	P 41	25	Linha 7-Secção Erechim	Erechim
452	Iracema Salete Bekoski	3.684	P 42	7,62	Linha 7-Secção Erechim	Erechim
458	Leonardo Sansanovicz	21.790	P 45	25	Linha 7-Secção Erechim	Erechim
465	Verner Arno Kohler	119	P 77	25	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
466	Leri Tonial	803	P 89	26,1	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
467	Inacio Dlogokenski	831	P 86	25	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
468	Apolonia Glavaski Dlugokenski	832	P 84	25	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
469	Dorvalino Ronsoni	2.236	P 85	25	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
470	Mitra Diocesana de Erechim	3.228	P 87	0,15	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
471	Tania Maria Noskoski	3.710	P 87	12,5	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
472	Carlos Kempka	4.363	P 81	23,41	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
473	Dorvalino Pasterczak	5.041/4	P 79	12,72	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
474	Vinicius Bergamini Granella	5.041/3	P 79	4,24	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
475	Ademir Jose Zorzan	5.041/3	P 79	8,48	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
476	Mitra Diocesana de Erechim	5.108	P 87	0,12	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
477	Olivo Jose Zembruski	9.532	P 95	26,29	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
478	Maria Ilei Beto	9.933	P 83	5	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
479	Tarso Jose Noskoski e Tania Maria Noskoski	9.934	P 83	6,25	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
480	Tarso Jose Noskoski	11.163	P 83	13,75	Linha 6-Secção Erechim	Erechim

Proc. nº 1150107
1469
2

2

481	Dionisio Gempka	14.506	P 87	3	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
485	Veronica Rogalski	15.320/2	P 74	28,4	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
486	Aldacir Antonio Zorzan	15.654	P 80	25	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
487	Aldino Beledeli	15.974/5	P 93	4,27	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
488	Albino Zembruski	15.974/4	P 93	20,72	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
489	Gilmar Pedro Gempka	16.103	P 82	12,5	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
490	Elio Jose Rogalski	16.696	P 75	19,43	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
491	Antonio Rogalski	16.697	P 75/77	12,37	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
492	Teófilo Noskoski	17.167	P 87	9,5	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
493	Aldino Beledeli	17.767	P 93	4,27	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
494	Sem Identificação150	17.970	P 82	2,5	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
495	Casemiro Glowacki	17.969	P 82	5,83	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
496	Salete Tereza de Souza	17.969	P 82	2,08	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
497	Marlene Marisete Glowacki	17.969	P 82	2,08	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
498	Anderson de Oliveira	18.443	P 82	2	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
499	Gilmar Pedro Gempka	18.444	P 82	0,5	Linha 6-Secção Erechim	Erechim
500	Francisco Pasterczak	19.980	P 78	21,5	Linha 6-Secção Erechim	Erechim

Total: 385 lotes

Passo Fundo, 29 de Dezembro de 2008.

Jaci Domingos Sbardelotto
Tecnico em Agricultura e Pecuária
Matricula nº 0443666
OS nº 478/AER/PFD/RS/2008

Proc. nº 1150/07
Fls. 1470
Rubrica

SÉTIMA PARTE - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO

Proc. nº 1158/07
Fls. 1471
Rubrica 

a) Conclusão e delimitação

A conclusão do Grupo Técnico de Identificação e Delimitação da TI Mato Preto, à luz dos dados técnicos apresentados neste Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Mato Preto, é que a TI Mato Preto (composta pela aldeia *Tekoá Ka'atý*, situada na divisa dos municípios de Getúlio Vargas e Erebango, no estado do Rio Grande do Sul) configura terra indígena tradicionalmente ocupada. Assim sendo, o GT produziu a proposta técnica de delimitação da área considerando a categoria de "Terra Indígena Tradicionalmente Ocupada" conforme parágrafo 4 da Portaria n. 14/96, referindo-se ao parágrafo 1º. do art. 231 da Constituição Federal de 1988, que determina as "quatro situações que consubstanciam, em conjunto e sem exclusão, o conceito de *terras tradicionalmente ocupadas pelos índios*", a saber: "(a) as áreas *por eles habitadas em caráter permanente*, (b) as áreas *utilizadas para suas atividades produtivas*, (c) as áreas *imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem estar*", e (d) as áreas *necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições*".

Para a proposição de delimitação, identificamos, portanto, as áreas habitadas em caráter permanente, aquelas utilizadas para as atividades produtivas e aquelas consideradas imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem estar e à reprodução física e cultural do grupo, segundo seus usos, costumes e tradições. Foram identificados os pontos de habitação e de realização das atividades produtivas atuais, os pontos de habitação e usos pretéritos com importância social, cosmológica e/ou etnohistóricos, os locais e as formas de obtenção de recursos ambientais necessários ao bem-estar e à reprodução física e cultural do grupo. Registra-se a especificidade da ocupação da área, uma retomada de área habitada anteriormente pelas pessoas mais idosas do grupo indígena em questão, de onde foram expulsos. Constatou-se que a ocupação não-indígena causou séria degradação ambiental da área em questão, com intenso desmatamento, drenagem de nascentes de corpos d'água, contaminação do solo e das águas por agrotóxicos etc.¹, o que também foi considerado.

¹ Para reverter esta degradação e recriar condições de sustentabilidade social e cultural para a TI, a comunidade indígena elaborou um projeto de recuperação ambiental, com reflorestamento de matas



A proposta de delimitação indica área de 4.230 ha. (quatro mil, duzentos e trinta hectares) considera os seguintes pontos, que estão representados graficamente no Croqui Guarani, analisado na Quinta Parte do Relatório: Nos limites de nordeste a norte, dos pontos 01 ao 02 temos o *Ypa'piru* e *Ka'aguy*, área de nascente de Rio *Ypa'piru*. *Ka'aguy* é a mata ciliar a ser replantada pelos Guarani, com “madeiras” consideradas propícias para reter umidade e garantir boa água, segundo conhecimento tradicional Guarani, como bracatinga, timbó, cedro, angico, etc. Indicado no croqui da página 114 pelo número 10. Dos pontos 2 ao 3, extrema norte, temos o *Piky ry*, rio de pesca, que na ocupação pregressa do início do século XX estendia-se bem mais ao norte, até o Rio do Toldo. Dos pontos 3 ao 4, a nordeste da área a ser demarcada, os limites seguem pela estrada, margeando o *Ypamiri* banhado próximo à antiga casa de Quirina Natalício (indicada com retângulo rosa) e mata a ser plantada para regenerar o ambiente, atualmente degradado. A leste, dos pontos 4 a 7, os limites seguem também a estrada, contornando o local *Yakã Mborepi*, o “Banhado da anta”, próximo a onde morava a família Barbosa, indicada com um retângulo rosa. O ponto 4 denominado *Yy porã* (água boa) marca a antiga casa de João Maria, também indicada por um retângulo rosa. O ponto 5, denominado *Ju'iy* é o banhado que aparece na foto de capa do Relatório. Local de nascente de rio que abastecia antigas habitações. Nele, atualmente, os Guarani identificam animais de caça, como o ratão do banhado. Os pontos 6 e 7 marcam cursos d'água, o *Yakã ojauaty* e o *Yakã ry apy* (nascente e curso médio do Rio *Yakã ry apy*) relacionado com a antiga aldeia. À sudeste, os pontos 08 a 12 circundam área de importância fundamental, com boa diversidade biológica e presença de árvores raras e boas perspectivas de regeneração ambiental, denominada *Nhundy'ay*, que propicia também a caça de aves silvestres. No ponto 8 fica *Karumbey*, o banhado das tartarugas, futura área de roça, onde serão plantados os cultivares de importância social e cosmológica fundamentais, como o milho e a mandioca. O ponto 9, denominado *Pindoty* (palmeiral), registra local de fundamental importância cultural e ambiental. O *pindó*, ou jerivá, é árvore grande de importância econômica e cosmológica para os Guarani. Suas folhas são matéria-prima para a cobertura dos telhados das casas tradicionais. Seu fruto, o *vapintá*, é muito apreciado, consumido *in natura* ou processado num pilão, transformado num suco espesso, comido puro ou acompanhado

ciliares, de florestas de araucária, plantas medicinais e rituais, o replante de espécies da fauna, unidades de paisagem nativas, entre outros (conforme descrito na Quarta, Quinta e Sexta Parte do Relatório).

dx

de mel e palmito. De seu caule extrai-se o palmito e cria-se o *itchó*, larva com propriedades medicinais. O ponto 11 registra *Ypamiri* (banhado próximo à antiga casa de Quirina Natalício, indicada com retângulo rosa e mata a ser plantada para regenerar o ambiente, atualmente degradado). A sudoeste, dos pontos 13 a 14, os limites acompanham a rodovia RS 135, próximo a locais de antigas habitações e onde localizam-se as *Opy'rã* e *Tekoá'rã*, futuras casa de rezas e aldeia. E finalmente, dos pontos 15, 16 a 01, de oeste a noroeste, os limites circundam a habitação atual e antigos locais de sepultamentos, o *Yvykuá ymã* – Antigo cemitério onde estão sepultados, entre outros, os sogros de João Maria Mariano. O local de antiga habitação deste casal está indicado por um retângulo rosa, casa do antigo cacique Karai Natalício, referida no item (b.1) da Primeira Parte do Relatório, e indicado no Croqui pelo número 3.

Tal proposta foi o resultado do consenso entre a proposta técnica do GT, que visou contemplar as quatro situações previstas no parágrafo 4 da Portaria 14/96 citadas acima, e a proposta da comunidade indígena, que foi registrada (na Quinta Parte do Relatório) e analisada, conforme prevê artigo 2º da Portaria 14/96.

Os dados levantados durante os estudos realizados para a elaboração desse Relatório permitiram a identificação da TI Mato Preto como terra indígena tradicionalmente ocupada, por vários fatores elencados no decorrer do Relatório, sendo três deles preponderantes: (1) a ocupação e demarcação pregressa da Terra Indígena em questão comprova que a área é terra indígena tradicionalmente ocupada e reconhecida legalmente como tal (o histórico de ocupação da terra indígena de acordo com a memória do grupo étnico envolvido, de pessoas da etnia Kaingang e também evidências documentais (inclusive um mapa de delimitação) desta ocupação pregressa arrolados na “Primeira Parte” do presente Relatório corroboram com este argumento; (2) à descendência direta dos grupos familiares que promoveram a retomada ao grupo expropriado (o pertencimento do grupo indígena que atualmente ocupa Mato Preto e que reivindica a regularização fundiária de sua ocupação à rede de parentesco e descendência do grupo que a ocupava foi constatado através de levantamentos genealógicos e da reconstituição da história das famílias); (3) à consonância social, cultural e ambiental da forma de ocupação territorial realizada pelo grupo e forma de ocupação tradicional característica do povo Guarani (os estudos antropológicos comprovam também a total compatibilidade da organização social e dos elementos culturais encontrados neste grupo com a cultura Guarani, não havendo dúvidas quanto a identidade indígena do grupo em questão).

[Assinatura]

Isto posto, encaminha-se à CGID/FUNAI o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Mato Preto, contendo a proposta de delimitação da referida Terra Indígena de acordo com os procedimentos técnicos e os trabalhos de campo descritos nos capítulos anteriores. Como já apontado no texto do Relatório, a proposta de identificação e delimitação apresentada pelo GT atende às Portarias nº 948/PRES de 16 de julho de 2004, nº 991/PRES de 16 de outubro de 2007 e nº 1054/PRES de 30 de outubro de 2007, tendo sido revista diante à manifestação das lideranças Kaingang, vizinhos da TI Mato Preto, moradores da TI Ventarra, que foram ouvidas e avaliadas. Atende também os requisitos estabelecidos pelo artigo 231 da Constituição Federal, Lei 6001/73, Decreto 1.775/96 e Portaria nº 14/MJ/96. Assim sendo, recomendo a continuidade do procedimento de regularização da Terra Indígena Mato Preto, conforme mapa e memorial descritivo a seguir.

EM BRANCO

A



Ministério da Justiça
Fundação Nacional do Índio

Proc. nº 11501/07
Fls. 1475
Rubrica

**Reunião sobre a TERRA INDIGENA MATO PRETO, realizada pela Coordenação
Geral de Identificação e Delimitação – CGID/FUNAI/Brasília
18 de setembro de 2007**

Participantes:

Paulo Santilli – Coordenador CGID/FUNAI
Rita Heloisa de Almeida – CDA/CGID/FUNAI
Ana Elisa de Castro Freitas – NPPPI/SMDHSU/PMPA/NIT/UFRGS
Maria Helena de Amorim - AER Curitiba
Eugenio José Guilherme Aragão – PGR/6ª Câmara
Maria Inês Ladeira – CTI – Centro de Trabalho Indigenista
Joel Pereira – Cacique Guarani
Valtenir dos Santos – Secretaria de Agricultura do Estado do RS
João Alberto Ferrareze – Administrador AER Passo Fundo
Flavia Cristina de Melo – NESSI-UFSC
José Aparecido Briner – FUNAI
Seberiano – Vice Cacique Mato Preto
Mauricio da Silva Gonçalves – Coordenador da Comissão Nacional Terra Guarani

O Coordenador da CGID, Paulo Santilli, deu início à reunião abrindo espaços para os participantes se apresentarem. Fez um breve resumo do motivo da reunião e em seguida o Sr. Valtemir dos Santos, da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, disse haver alguns débitos do Governo do Estado com terras indígenas do RS, agora Mato Preto.

João Ferrareze, agrônomo, administrador de Passo Fundo, achou importante a presente reunião porque mostra a preocupação com as terras indígenas do RS. Há mais de 15 solicitações entre retomadas e demarcações.

Flávia Cristina de Melo disse que coordenou os trabalhos de demarcação de Mato Preto. Tem acompanhado a questão das terras indígenas de Santa Catarina e do Paraná. Assim como o caso da aquisição de terras para os Guarani, na BR 101.

...
Maurício, indígena Guarani, tem o trabalho de articular com os indígenas e lideranças sobre a demarcação das terras Guarani. A situação é grave, e a demarcação é necessária porque sem terra leva os Guarani são levados a irem para beira das estradas. Há 04 anos vem